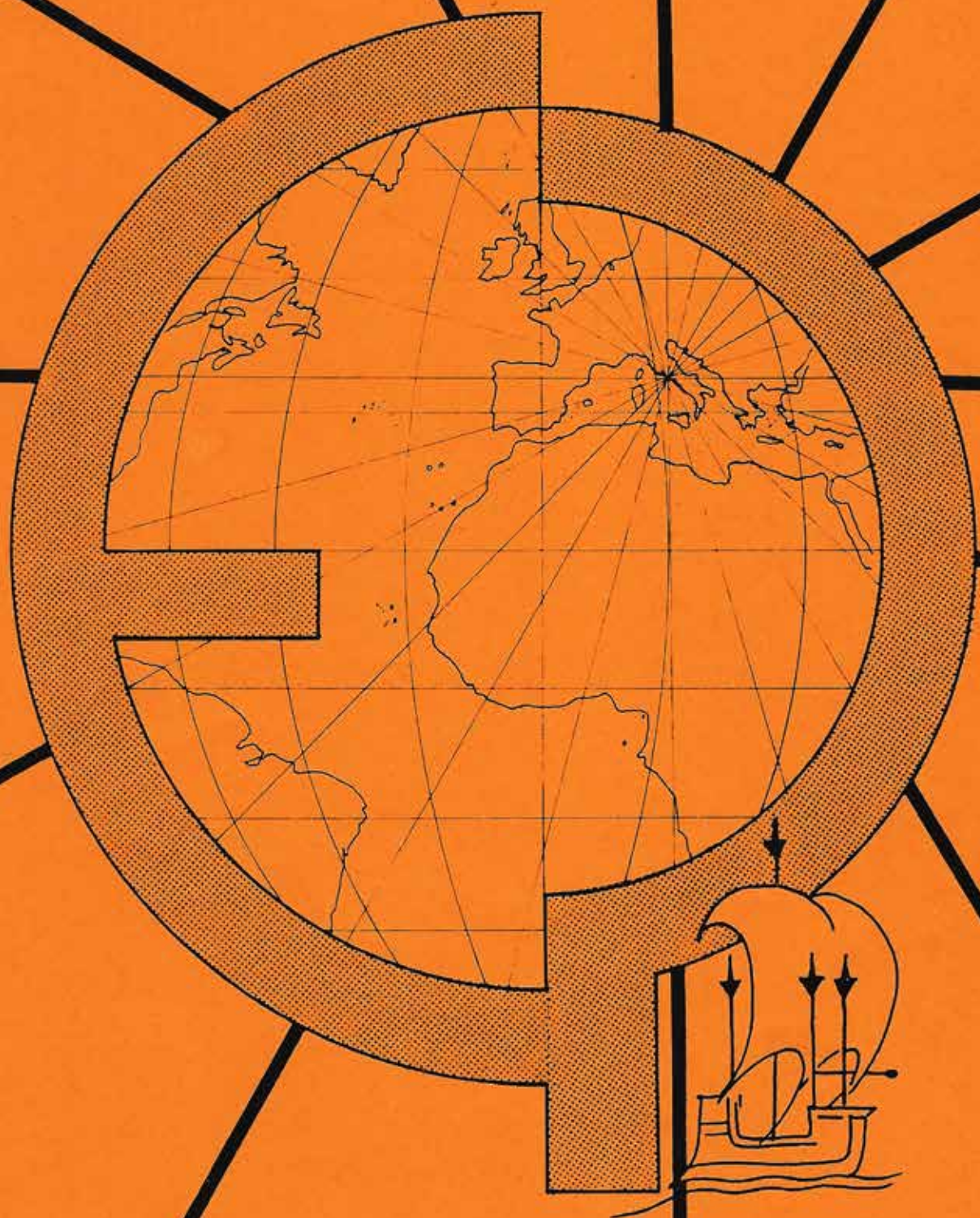


ESPECIAL 20 ANOS



ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

● SUMÁRIO

NOTÍCIAS

1

Encontro do Embaixador de Portugal com a Escola Portuguesa em Roma
XX Aniversário da EPER
Despedida do Cônsul de Portugal
Dia Internacional da Mulher
Novo Cônsul
Dia da Árvore
Exposição de Arte Africana Contemporânea
Visita de Estudo a Nápoles
Oferta à EPER

A CULTURA PORTUGUESA NO MUNDO

4

Conferência da D.ra Luciana Stagnano Pichio

ESPECIAL 20 ANOS - EPER - DEPOIAMENTOS

6

Antigos Directores
Antigas Alunas e Professoras
Actuais Alunos
Entidades

ESCOLA EM NÚMEROS

16

Estatísticas

● colaboradores deste número especial:

Isabel Minervini, Fernando de Pinho, Nuno da Silva Gonçalves, Carlota Proença de Almeida, José Maria Murteira, José Carlos Miranda, Sérgio Nunes, Manuel Carreira de Oliveira, Pedro Fernandes Coutinho.

● a capa

Desenho de: Maria Carlota Proença de Almeida

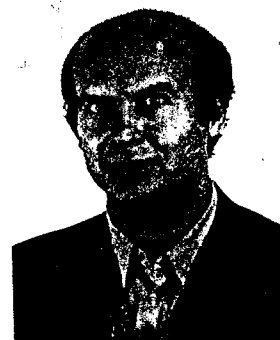
● BOLETIM INFORMATIVO DA EPER -

Associação dos Cooperadores e amigos da Escola Portuguesa em Roma
n.º 18 - JUNHO 1991

Via Innocenzo IV - 00167 ROMA / ITÁLIA

TEL: 30 70 620

● APRESENTAÇÃO



Após uma longa gestação, vem a lume mais um número do Nosso Boletim informativo. Trata-se de um “compromisso” entre a forma tradicional desta publicação e o “ideal” de um Livro Comemorativo do XX Aniversário da EPER para o qual faltaram mais os meios do que as energias necessárias para o produzir. Posta de lado a ideia de uma semelhante realização por não se terem obtido quaisquer formas de financiamento especificamente destinado a esse fim, decidimos incluir num número “Especial” do Boletim parte do material recolhido - aguardando melhor altura e melhor sorte para a abundante documentação fotográfica destinada a essa publicação. Incluem-se assim dois depoimentos que nos reconduzem à origem e aos primórdios da Escola Portuguesa em Roma, descrevendo publicamente, pela primeira vez, os passos da única instituição cultural portuguesa com continuidade de vida e trabalho em Itália nestes últimos anos, alguns testemunhos de pessoas que encorajaram esse trabalho ou dele beneficiaram, e um conjunto de dados estatísticos eloquentes, não só sobre a quantidade, mas também sobre a qualidade do trabalho realizado. Este número “Especial” do Boletim integra-se no conjunto das iniciativas programadas e realizadas para comemorar os vinte anos de existência da Escola, nele resumidamente descritas, constituindo ele próprio como que a conclusão e síntese das comemorações, na medida em que delas traça o registo e delas se torna “memória” para o futuro. Um número especial destinado certamente às Entidades que ajudaram a Escola ou que com ela mantêm relações, mas, antes de mais, às pessoas que a foram fazendo e lhe continuam a traçar o perfil, dela ou para ela, parcialmente vivendo. Entre essas pessoas encontram-se benfeitores italianos e alemães que seguem com interesse e apoiam materialmente o seu trabalho, aos quais pedimos desculpa por não lhes podermos apresentar senão na língua de Camões e de Fernando Pessoa o material publicado. Para todos, este trabalho pretende ser uma homenagem de reconhecimento e um programa de acção para o futuro.

Fernando Pinho



ENCONTRO DO EMBAIXADOR DE PORTUGAL COM A ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

Desde há bastante tempo programado mas por motivos inadiáveis diversas vezes adiado o primeiro encontro entre o novo embaixador de Portugal em Itália, Dr. Luiz Gaspar da Silva, e a Escola Portuguesa em Roma teve lugar a 21 de Abril p.p. às 19:00 horas.

O Senhor Embaixador esteve acompanhado pelo delegado da TAP-Air Portugal na Itália Centro-Meridional, Manuel Bagorro que aproveitou a ocasião para conhecer a Escola e falar da atribuição de dois prémios aos alunos.

Ainda presente esteve também o Cônsul, Dr. José Manuel Pessanha Viegas.

Após a passagem pela Secretaria e uma breve visita aos locais da Escola os visitantes dirigiram-se ao salão onde teve lugar um simples e familiar encontro.

Usaram da palavra o Director da EPER, Dr. Fernando Pinho, que apresentou aos alunos os ilustres visitantes e o Sr. Embaixador que falou sobre a presença de uma Comunidade Portuguesa em Roma e da importância e necessidade de criação de uma Associação que reúna todos os portugueses.

Depois tomou ainda a palavra o Sr. Manuel Bagorro que anunciou a oferta à EPER de três bilhetes ida e volta Roma-Lisboa-Roma. Sendo dois bilhetes "Prémio TAP-Air Portugal" a atribuir a dois alunos cujo mérito a direcção da Escola queira destacar e um terceiro bilhete para eventual necessidade administrativa da Escola em Lisboa.

XX ANIVERSÁRIO DA EPER

No passado dia 31 de Janeiro a Escola Portuguesa em Roma vestiu-se de festa e deu início à comemoração dos seu vigésimo aniversário.

Presentes além de alunos, professores e muitos amigos da Escola estavam ainda os Embaixadores de Portugal em Itália e junto da Santa Sé respectivamente Dr. Luiz Gaspar da Silva e Dr. João de Sá Coutinho, o Conselheiro da Embaixada Portuguesa junto da Santa Sé, Dr. Vasconcelos e Castro, o segundo secretário e o conselheiro cultural da Embaixada de Angola, o Cônsul de Cabo Verde e o Sr. D. Angelo representante da Caritas.

O programa iniciou com uma conferência pela Professora Dr^a Luciana Stegagno Picchio que de um modo brilhante falou sobre a "Cultura Portuguesa no Mundo" dando um pouco testemunho da sua vivência da cultura lusitana. No final da conferência usou ainda da palavra o Embaixador Dr. Luiz Gaspar da Silva.

Foi inaugurada uma exposição fotográfica documentando as alegrias e dificuldades da EPER ao longo dos seus vinte anos de existência.

A festa foi concluída com um beberete em que participaram

as individualidades presentes e com uma ida até à Pizzeria de alunos e professores.

DESPEDIDA DO CONSUL DE PORTUGAL

No passado dia 20 de Abril teve lugar no restaurante "CASA NOSTRA" um jantar de homenagem e despedida, promovido pela EPER, ao Cônsul de Portugal, Dr. José Manuel Pessanha Viegas.

Além do director da EPER, Dr. Fernando Pinho, e da direcção da Escola, estava ainda um bom número de elementos do corpo docente e a Presidente do Conselho de Alunos Maria de Jesus Pereira.

O jantar era a singela homenagem da Escola Portuguesa em Roma a quem tanto fez em prol da manutenção e consolidação desta instituição Portuguesa em terras de Itália.

O caloroso ambiente alcançou ponto alto com os discursos do Dr. José Manuel Pessanha Viegas, que falou das acções em favor da Escola e de algumas das vicissitudes existentes ao longo do processo, e do Dr. Fernando de Pinho, que recordou a dívida que a Escola sempre terá para com o homenageado devido à sua importante e imprescindível actividade no sentido de melhorar as relações entre a Escola e as Autoridades Portuguesas.

No final do jantar foram oferecidos ao Cônsul e à sua esposa, Sr^a D. Noélia Pessanha Viegas, uma litografia de Gutuso e um ramo de orquídeas acompanhados de um toque bem lusitano, a saudade e o fado, este interpretado por alguns fadistas e guitarristas da nossa praça, os professores

José Carlos Miranda e Pedro Coutinho.

Resta-nos desejar ao Cônsul Geral de Portugal em Toronto e à sua família os maiores êxitos na sua nova missão e dizer-lhe um agradecido bem-haja.



DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Realizou-se no dia 7 de Março a comemoração do Dia Internacional da Mulher na Escola Portuguesa em Roma.

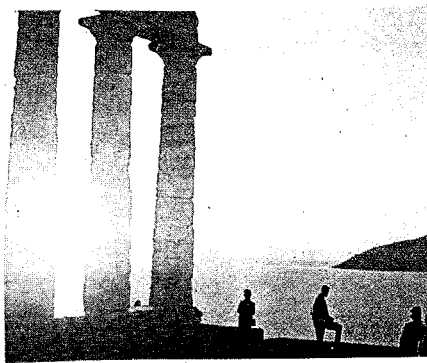
Com uma grande participação e em ambiente de festa se percorreu pelo papel da mulher nas diversas culturas.

Os diversos grupos culturais, leia-se nacionais, declamaram poesias tendo como temática as problemáticas femininas. Ouviram-se assim poesias de Angola, Cabo Verde, Itália e Portugal.

NOVO CÔNSUL

No dia 6 de Maio às 11:00 o conselho directivo da EPER foi apresentar cumprimentos e planificar com o novo Cônsul o trabalho a realizar, sobretudo o mais urgente agora, dos exames.

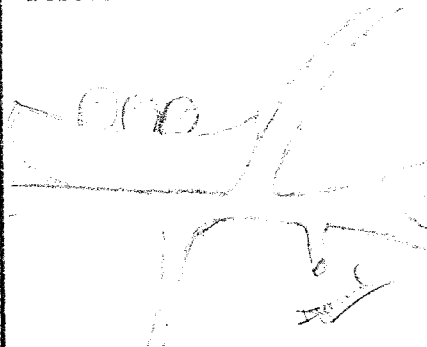
O Arq. Henrique Dinis da Gama, passou a substituir o Dr. José Manuel Pessanha Viegas que terminou o seu trabalho em Roma e prosseguirá a sua missão no Canadá.



DIA DA ÁRVORE

No dia 21 de Março, Dia da Árvore e início da Primavera, a comissão organizadora do XX aniversário pensou em assinalar a data com a plantação de um pinheiro que assinalasse também os 20 anos da Escola.

Fez-se para isso uma pequena cerimónia no jardim do Centro Cultural em que se descerrou também uma lá-



pide comemorativa e as crianças da Primária interpretaram uma canção alusiva ao momento. O acontecimento teve a presença do Sr. Embaixador, Dr. Luiz Gaspar da Silva, que veio pessoalmente marcar a data para a sua visita-encontro com a Escola, um mês depois (ver primeira notícia).

EXPOSIÇÃO DE ARTE AFRICANA CONTEMPORÂNEA

Integrada nas comemorações do vigésimo aniversário da Escola, decorreu na tarde do dia 26 de Maio uma exposição de Arte Africana Contemporânea, com obras

cedidas pelo coleccionador italiano Giovanni Baiocchi.

Às dezanove horas teve lugar uma sessão de apresentação das obras expostas em que, para além de professores e alunos da Escola, estavam presentes alguns convidados entre os quais o novo Encarregado da Secção Consular da Embaixada de Portugal em Roma, Arq. Dinis da Gama.

Depois da apresentação do Sr. Giovanni Baiocchi feita pelo professor José Maria Pacheco Gonçalves, o próprio coleccionador se referiu ao processo de formação da sua colecção, a partir de inúmeras viagens a África e sempre privilegiando o contacto directo com os artistas. Referindo-se, em particular, às obras apresentadas, sublinhou a dignidade humana e o optimismo bem como os valores em realce na temática dos quadros expostos.

Falou, em seguida, Mary Angela Schroth responsável de uma galeria de arte, que acentuou o conhecimento pessoal dos artistas como o segredo do êxito de Giovanni Baiocchi, possibilitando a formação de uma colecção provavelmente única em Itália, caracterizada pela presença explícita em todas as obras das raízes africanas subjacentes.

Na exposição, estavam representados artistas da Nigéria, Zimbábue, Gana, Tanzânia, e Malawi.

Seguiu-se um pequeno bebereite preparado e oferecido aos convidados, professores e alunos pelas alunas do 12º ano.

VISITA DE ESTUDO A NÁPOLES

No dia 25 de Abril como é já

tradicional realizou-se uma visita de estudo. Foram cinquenta e um entre professores e alunos, os participantes no habitual Passeio Anual da escola nesta data.

Chegando a Nápoles cerca das 11 horas visitou-se o Museu Arqueológico, com especial relevo para as salas dos mosaicos de Pompeia e Herculano e a "sala dos papiros" (com estatuária, mosaicos e os célebres papiros encontrados numa das casas nobres da zona).

Depois da partilha dos farneís e de um alegre convívio em Capodimonte, visitou-se o Palacete existente no jardim, que foi mandado construir pelo rei Carlos de Bourbon em 1738.

Para a parte da tarde ficou a visita a pé pela cidade. De destacar, a Catedral, Santa Clara e o seu belíssimo claustro com azulejos que representam paisagens e cenas campestres e mitológicas, a igreja do "Gesù Nuovo", etc.



OFERTA À EPER

Do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP) chegou—nos uma valiosa oferta de material bibliográfico que muito beneficiará a nossa biblioteca.

Entre outras as áreas contempladas incluem a Lite-

ratura, a História, a Economia, a Música e a Arquitectura, etc



ENCERRAMENTO DO ANO LECTIVO

Uns partem, outros ficam. A EPER escreve desde há muito a sua história nesta dialética. Deixam-nos o Prof. José Manuel, Nuno Gonçalves e Pedro Coutinho. Festejamos no dia 23 de Junho a festa de encerramento do ano lectivo. A alegria foi a nota dominante. Terminaram os exames e o saldo geral do ano foi muito positivo. Todos tinham algo para festejar.

Em vésperas de S. João, nem sequer faltou uma boa sardinhada à portuguesa que com grande gentileza nos foi oferecida pela TAP. Tanto Cabo Verde como Angola brindaram os presentes com as suas deliciosas especialidades que deixaram em todos os presentes a vontade de repetir, quanto mais não seja, na próxima oportunidade! Bem hajam todos os que colaboraram!

Depois da Eucaristia seguiu-se uma animada tarde desportiva e recreativa aberta à participação de toda a comunidade lusa em Roma.

A Equipa dos Veteranos, ou seja, dos ilustres professores, arrecadou a taça do primeiro lugar disputando a final com a aguerrida equipa dos alunos.

Já durante o serão foram distribuídos os prémios dos jogos florais. À Palmira o prémio de poesia, à Élia o de fotografia e ao Israel o de literatura.

Todos aguardavam com ânsia o sorteio dos famosos prémios das rifas que com tanto empenho tem sido organizado pelo P. Mario, nosso capelão, para auto-financiamento da Escola. Os olhos de todos estavam postos no "motorino" a premiar o primeiro. A sorte andou mais uma vez arredia e nenhum dos presentes pode provar a sensação de dar a primeira voltinha. Satisfeitos uns, desiludidos outros, a festa terminou em grande com o sorteio dos distintos alunos que mereceram a viagem aérea grátis para Portugal: a Silvia do Curso Geral e a Teresa do C. Complementar.

NOVO CONSELHO DIRECTIVO

Foi eleito o novo Conselho directivo que terá a seu cargo a organização do novo ano lectivo 1991/92:

Presidente-Prof.^a Isabel Minervini

Vice-presidente-Prof.^a Manuela Borges.

Vogais: Prof.^a Candida, Prof. Giorgio Olivieri, Prof. Manuel Oliveira e Prof. Nuno Brás.

Agradecendo ao anterior Conselho o seu serviço, a Escola deseja aos novos um "in bocca al lupo", comprometendo-nos desde já, todos, a aliviar-lhes as árduas tarefas que os esperam. Felicidades!

A CULTURA PORTUGUESA NO MUNDO

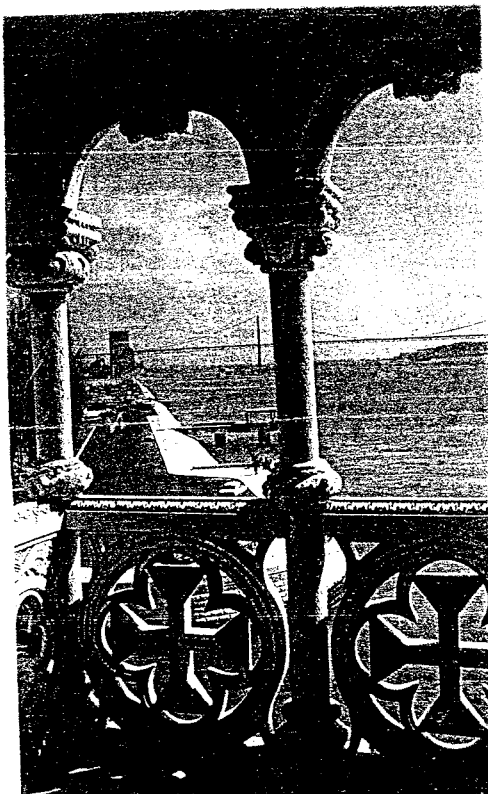
Encontro com a Prof.^a Luciana Stegagno Picchio

O texto que se apresenta são excertos da conferência da Prof.^a Luciana Stegagno Picchio na Escola Portuguesa em Roma em 31 de Janeiro de 1991 por ocasião do início das comemorações dos vinte anos da EPER.

PORTUGAL MAIS DO QUE A EUROPA

“Que vos hei-de dizer?” - é a pergunta que eu fiz a mim mesma: que sentido tem hoje, em 1991, estudar Português, estudar a Cultura Portuguesa no mundo e o que é esta cultura? que valor tem dentro da cultura universal? Esta é uma pergunta simples, uma pergunta talvez de início, mas acho que é uma pergunta que nós temos de fazer, não só como professores de português mas também como pessoas deste mundo, desta Europa. Portugal entrou na Europa, Portugal faz parte da Europa, Portugal não faz parte da Europa, nós sabemos que a entrada na Europa de Portugal [...] criou problemas também em Portugal. Portugalsentia que ele era qualquer coisa mais que a Europa. Falar de um escritor como Saramago que escreveu um livro como a *Jangada de Pedra* supondo metaforicamente que a um certo momento a Península Ibérica se destaca do resto da Europa e vai viajar pelo At-

lântico é uma metáfora mas é também uma vertente de um problema: Portugal não pode ser só a ponta extrema, a “ocidental praia lusitana” desta Europa. Não pode ser só, como dizia Fernando Pessoa, es-



ta Europa que jaz posta nos cotovelos e o rosto como quem fita Portugal. Fita o quê? fita o Atlântico, o Atlântico foi conquistado há muito tempo já não há descobrimentos a fazer. Portugal realizou-se nos descobrimentos, Portugal constituiu uma base além do Atlântico, que é o Brasil, que é a sua prótese, o seu alonga mãos no oceano, agora o que é que quer dizer que Portugal é algo mais? Portugal está ligado ainda a todos aqueles territórios em que deixou a

sua marca, a sua língua. [...]

UM CHEIRO DE ORIENTE

O milagre de Portugal e do Brasil da cultura e deste mundo, desta ecumene portuguesa não está só na língua. Está numa cultura que efectivamente tem traços comuns. [...] É verdade que cada um dos países tem a sua cultura diferente. É verdade que indo a África, indo a qualquer país por onde passaram os portugueses sempre que a cultura portuguesa se enraizou se modificou. [...] Para mim que sou italiana, o facto do encanto de Portugal, dos portugueses é efectivamente este país pequeno que soube criar uma coisa tão grande como aquele império que ainda por cima da história mantinha um cheiro de Oriente. Isto nos entusiasmava extraordinariamente. Eu lembro-me das primeiras vezes que eu estudava a história portuguesa, estudava o grande século de quinhentos, o grande século da “embaixada do elefante” que vinha a Roma ao papa Leão X e que representava o elefante vindo da Índia. Era um elefante branco e tinha uma magnificência que era sem dúvida renascentista que era aprendida nos cortejos dos Medeci, das grandes casas italianas, da própria corte papal. Mas tinha um cheiro extraor-

dinário muito português. Era um cheiro do Oriente quase um cheiro de especiarias, aquela cavalgada do rei Manuel de Portugal, que cavalgava nas ruas de Lisboa assim como Lourenço o Magnífico cavalgava pelas ruas de Florença, mas o rei de Portugal tinha no cavalo um tigre de Ormuz. Isto nos fascinava extraordinariamente, isto para mim era Portugal. E sempre quando se falava em Portugal eu ficava fascinada por esta capacidade de captar as culturas dos outros países e dar-lhe um marco português na miseigenação, na justaposição de elementos diferentes. A "impureza", a extraordinária impureza de Portugal [...]

MANUELINO: UM ESTILO PORTUGUÊS

Portugal tem um estilo que fascina o estrangeiro, esse estilo manuelino. O que é o manuelino? Manuelino é o que é Portugal no Mundo, um estilo que é antigo e que é medieval e já barroco no sentido que quase em Portugal nunca a ogiva medieval se curvou no arco a todo de volta inteira como dizemos em italiano, o arco perfeito da renascença, mas passou para um estilo de invenção, um estilo que tinha do gótico flamejante e que lá em vez dos monstros da idade média, tinha os sinais da potência marítima de Portugal. Isto é que é fascinante em Portugal, isto é que fascina, isto é que Portugal tem que manter.

PROVINCIALIDADE E ECUMENICIDADE

Entrando na Europa, Portugal vai perder, vai ganhar? Acho que vamos todos ganhar com a presença de Portugal. Primeiro porque Portugal tem, (...) exactamente pela sua qualidade de marginalidade



na Europa, uma classe (...) de "inteligentia" que está preparada para isto. (...) Falo de uma "inteligentia", a gente que estuda nas escolas (...) Há uma classe escolar, escolarizada portuguesa que terá um belo lugar na Europa. Acho que todos nós vamos ganhar com a presença na Europa, de um certo equilíbrio, um certo sentido de mistura que sempre me deu Portugal, de ecumenicidade. Sendo italiana eu estava habituada a uma certa aristocracia da cultura...

O HOMEM DO NOSSO SÉCULO

Vejamos o entusiasmo com que o mundo aceita, usa os autores símbolos de Portugal. Portugal fartou-se de exportar Camões. Camões fica um grandíssimo poeta, para mim, o poeta lírico lírico mais extraordinário, mas agora substituí-o este Fernando Pessoa. Porque é que Fernando Pessoa teve tanto sucesso? Porque dava a imagem do homem, do homem do nosso século. Poucos autores como ele deram a ideia da angústia e a abertura a todos os problemas

do nosso século. Efectivamente não bastava o animismo, não bastavam todos os franceses ilustres do século XIX para criar o homem moderno. Era preciso um homem nascido à beira do Atlântico,

vivido numa atmosfera inglesa vivendo depois constantemente em Portugal, para criar o novo homem da Europa. E o interesse que todo o mundo dá a Fernando Pessoa é o interesse por uma espécie de homem; como se tivessem

substituído a coroa de louros de Camões com o chapéu, o chapéu preto do homem do nosso século. Portanto, muitas coisas vieram de Portugal, muitas coisas ainda hão-de vir de Portugal.

UM PEQUENO NÚCLEO ABERTO AO FUTURO

Eu acho que vocês fazem bem não só em estudar Português mas em preparar-se para ensiná-lo. Acho que daqui por alguns anos, teremos um grande surto de estudos portugueses, não só aqui mas no centro da Europa e no mundo todo. Eu acho que esta escola é efectivamente um pequeno núcleo de algo de aberto a um futuro que vai existir. Isto é extremamente importante. Muitos parabéns, parabéns a todos e que a gente se volte a ver.

N.R. - Os subtítulos do texto são da exclusiva responsabilidade da redacção.

MEMÓRIAS DOS PRIMÓRDIOS DA ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

Tinha chegado há semanas a Roma. Era o mês de Outubro de 1971. À minha frente encontravam-se cinco anos de estudo de Teologia na Universidade Gregoriana, como preparação próxima da Ordenação sacerdotal. Viviam no "Collegio Internazionale del Gesù", no centro histórico de Roma, onde convivia com mais uns seis estudantes jesuítas portugueses.

UM ACTUAL SECRETÁRIO DE ESTADO NOS ALICERCES DA ESCOLA

O Dr. Pedro D'Orey da Cunha, actual Secretário de Estado da Reforma Educativa, do Ministério da Educação do Governo Português, estudava Psicologia em Roma, nessa altura. Contactou-nos com vista à resolução de um problema: a comunidade luso-parlante em Roma era grande e não havia nenhuma instituição que respondesse às suas necessidades de promoção cultural, particularmente do grupo de Cabo-Verde e de Portugal. - Não se poderia organizar uma escola? Várias Congregações Religiosas e Dioceses tinham pessoas a estudar em Roma ou em serviços vários... - Não seria possível coordená-las, aproveitando as sobras do seu tempo de trabalho para dar aulas numa Escola a organizar?

UMA IRMÃ DO CORAÇÃO DE MARIA, PRIMEIRA PEDRA ANGULAR, COM UM GRUPO DE ESTUDANTES JESUÍTAS

O Dr. Pedro da Cunha apresentou a Irmã Fernanda Vaz (agora mais conhecida como Irmã Maria da Ressurreição) do Instituto do Sagrado Coração de Maria, a um grupo de estudantes jesuítas. Ela acompanhava um grupo de emigrantes que desejavam frequentar uma Escola. E o grupo de fundadores arrancou.

A ideia não se perdeu em labirintos burocráticos nem em pró-comissões de estudo da possibilidade deste serviço aos mais pobres de cultura. Dito e feito.

O "Instituto Português de Roma", na Via dei Portoghesi, junto à Igreja de Santo António, tinha os espaços livres que desejávamos. O seu reitor, Mons. Borges, ex-Reitor do Santuário de Fátima, acolheu da melhor maneira a ideia de se organizar uma Escola Portuguesa. Nos anos em que foi Reitor, com grande abertura e sentido social, cedeu várias salas gratuitamente.

OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA CRIANÇA...

Sob a direcção da Irmã Fernanda Vaz, as aulas começaram a funcionar regularmente, ainda antes do Natal

desse ano. Havia duas secções: - a Primária (com um grupo a começar a ler e a escrever); - o Ciclo Preparatório (para quem tinha a Quarta Classe).

O ensino era totalmente gratuito. Cedo os alunos se lembraram de dar uma recordação aos Professores pelo aniversário ou pelo Natal. Havia o máximo de boa-vontade e o mínimo de burocracia. Reinava uma relação de proximidade fraterna ("universitas alumnorum et magistrorum": conjunto unido de alunos e professores), em que o amigo que se tinha em frente era mais importante que o aluno aprendiz ou o Senhor Professor Doutor.

A quase totalidade dos alunos eram alunas. Umas 75 por cento eram naturais de Cabo Verde. As demais de Portugal. Na sua grande maioria Empregadas Domésticas. Baste dizer que em Roma havia cerca de duas mil de Cabo Verde. É fácil deduzir que o estudo não era tarefa fácil e, consequentemente o ensino. Um trabalho insuportável para mercenários da educação, mas gostoso para quem sabia arriscar num serviço sem o quadriculado das organizações perfeitas, com seguro contra todos os riscos. Verificava-se a verdade do ditado: "quem corre por gosto não cansa".

O horário das aulas começou por ser uma tarde por semana entre as 3 e as 7 horas. Alguns meses depois, as aulas ocuparam duas tardes. O sacrifício

não era pequeno para os alunos (cameriere" que sacrificavam o seu dia livre para as aulas e os tempos livres e os tempos livres para o estudo) e também para os professores (que acumulavam o emprego de alunos - a maioria eram estudantes - com o ofício de professores).

O número de alunos foi aumentando progressivamente. Os tempos de aulas, as tardes lectivas, o número de turmas e de professores foram também crescendo proporcionalmente.

Colega inseparável das "lutas" pela promoção social e cultural dos emigrantes lusófonos, durante os meus cinco anos romanos, foi o Vasco Pinto de Magalhães. Agora é Sacerdote Jesuíta, Director do Centro Universitário Manuel da Nóbrega, em Coimbra. A boa entrada que tinha nas embaixadas de Portugal junto do Quirinal e da Santa Sé, facilitou muito a possibilidade de realizarmos em Roma exames com validade oficial e outras ajudas que fomos recebendo.

DIRECTORES

Depois de um ano sob a direcção da Irmã Fernanda Vaz, esta foi enviada para Portugal e teve de encontrar-se uma nova Directora. Passou a ser, por "aclamação popular", a Irmã Beatriz Peixoto, sua colega de Instituto das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Dadas as suas ocupações, ao fim de um ano, coube-me assumir as responsabilidades da direcção, que exerci desde Outono de 1973 até ao Verão de 1976, altura em que concluí a Licenciatura em Teologia e regressei a Portugal. em seguida, a direcção ficou entregue à Dr^a Maria Silvina Pal-

meirim. Vieram depois os seguintes Directores: - Jorge Manuel Sena (Jesuíta, actual Director do Colégio da Imaculada Conceição - Cernache); José Pires Lopes Nunes (Jesuíta que agora é pároco na Covilhã); e seguidamente o Director actual, Dr. Fernando Pinho, jornalista da Rádio Vaticano.

O NADA FEZ-SE ESCOLA...

A história do nascimento e crescimento da Escola Portuguesa em Roma, assim se podia intitular: "O Nada fez-se Escola". Faltavam instalações, material escolar, professores, verbas, livros, tempo e dinheiro. De sobra, abundantemente, havia matéria prima (alunos) e boa vontade, um misto de ideal e utopia. E mais uma vez se cumpriu o dito do poeta: "Deus quer, o homem sonha e a obra nasce" (Fernando Pessoa).

Enumero, sinteticamente, as ajudas recebidas ao longo dos cinco anos que colaborei nesta Escola:

- a primeira ajuda foi, sem dúvida, a dos alunos ávidos de aprender, nunca tive o mínimo problema de disciplina. Eram todos ouvidos e olhos feitos antena parabólica da alta definição possível;

- os professores em voluntariado do mais genuíno. Seguro não tinham nenhum a não ser o de terem garantido muito trabalho sem compensações económicas. Na sua maioria eram Sacerdotes, Religiosos (particularmente Jesuítas e Combonianos), havendo também alguns Leigos. Quase todos eram simultaneamente estudantes;

- a compreensão e apoio da

Embaixada de Portugal junto do Governo Italiano;

- a direcção do "Instituto de Santo António dos Portugueses de Roma", nas instalações do qual funcionou a sede da Escola durante mais de uma quinzena de anos;

- o Instituto das Irmãs Ursulinas que nos fins de semana nos cedeu gratuitamente várias salas de aula no seu Colégio da Circonvallazione Clodio, logo a partir do 3º ano de actividade da Escola e durante largos anos. Também pôs à disposição uma sala ampla para convívio e festas, bem como a sua Capela para a Missa dos Domingos da Comunidade Lusíada. Estas Irmãs deram-nos um rico testemunho da acção social da Igreja: abertura e acolhimento, desprendido e generoso;

- as "Irmãs do Instituto das Cooperadoras da Família (Zitas), sempre abertas a colaborar e a apoiar;

- os Capelães de emigrantes portugueses em Roma: P. Elias que chegou a dar do seu próprio salário para o apoio da Escola); P. Joaquim Quinteiro (hoje Monsenhor que, durante muitos anos, foi Secretário do Secretariado da Conferência Episcopal Portuguesa); P. Samuel (hoje professor na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa). Sempre se mostraram colaboradores, compreensivos e estimulantes.

Dificuldades também não faltaram, graças a Deus, mas foram insignificantes, comparadas com a vontade de servir e espírito de fraternidade e entreajuda que reinava naquela comunidade educativa, "universidade de alunos e professores".

O TRABALHO QUE FIZ COM MAIS GOSTO

Ensinar a ler e a escrever a adultos foi o trabalho que fiz com mais gosto durante os cinco anos de colaboração na Escola Portuguesa. Usava o método de alfabetização de adultos do brasileiro Paulo Freire, adaptado.

Era uma alegria ver a alegria que as minhas alunas sentiam por, a certa altura, constatarem que já eram capazes de ler e escrever. Era uma redescoberta dos olhos e da fala que tinham deveras subaproveitados. A comunicação era possível, mesmo a longa distância do interlocutor. "Eureka!"...

CONCLUINDO

Ao despedir-me de Roma, no verão de 1976, a Escola tinha perto de 200 alunos, inscritos a diversos níveis, desde a Primeira Classe ao último ano do Ensino Secundário. Professores eram uns vinte e tal. O horário escolar distribuía-se pelas tardes de todos os dias da semana, excepto a Segunda-Feira. Havia exames a todos os níveis do Ensino Primário e Secundário, devidamente reconhecidos pelo Ministério da Educação de Portugal. Sei que muitos alunos têm concluído o seu Curso Universitário.

A semente tem continuado a crescer e a dar fruto.

Não gosto de olhar para trás, deitando contas à vida que já passou. Prefiro contemplar os horizontes do futuro. Com alegria vejo que esta Escola tem consolidado substancialmente os seus alicerces com a convergência de múltiplas boas vontades.

Muito mais havia que dizer, mas acho importante cultivar a ascese da síntese. Aqui ficam alguns parágrafos de memórias mais vividas.

Concluo, fazendo votos de que a Escola Portuguesa continue a crescer e a dar muitos frutos ao serviço da promoção humana dos emigrantes de língua portuguesa na cidade eterna de Roma.

Lisboa, 90.06.11

P. Manuel Morujão, S. J.

UM COMPLEMENTO DA MEMÓRIA: Irmã Maria Silvína

UM PRINCÍPIO ANTES DO PRINCÍPIO

É verdade: ainda antes de 1971, creio em 1969, já houve uma iniciativa de Escola. O mérito desta iniciativa deveu-se ao grande desejo de aprender de uma emigrante portuguesa, Piedade Barata dos Santos, hoje psicóloga em Lisboa. De figura pequena e miudinha nos seus 20 anos, manifestou desde logo uma boa inteligência e uma vontade tenaz. Apresentou-se-me com a 4ª classe elementar e um desejo inadiável de estudar. Segundo exprimi com veemência de argumentos, era eu quem podia ajudá-la a preparar o Ciclo.

Eu estudava então Teologia e, embora os meus planos fossem de dedicar o tempo livre à catequese e não ao ensino, não tive coragem de desiludir um desejo tão legítimo. às catequese que já assumira na Paróquia com um grupo de rapazes italianos e no Instituto de S. António com um grupo de emigrantes portuguesas,

veio-se juntar este começo de Escola. À Piedade uniram-se logo outras portuguesas: Margarida, Maria Amélia, Matilde, Rosa, Etelvina... um pequeno grupo. Pedi e obtive licença para dar aulas em S. António, e o próprio Reitor de então Mons. Costa Nunes, solicitou a meu pedido a colaboração de alguns jovens licenciados portugueses que frequentavam o salão do Instituto: um casal de arquitectos e a esposa de um bolseiro...

A nossa permanência escolar em S. António não durou muito. O Reitor sofreu algumas vicissitudes que o levaram a demitir-se e, sendo o acolhimento das duas iniciativas relativas aos emigrantes (a catequese e a escola) um dos seus méritos, eu preferi também retirar a minha actividade do Instituto e prossegui-la simplesmente em casa. Os outros professores continuaram ainda algum tempo, até que decidiram também eles a dar as aulas nas próprias casas.

Esta dispersão fatigou muito as alunas e só as mais tenazes concluíram o Ciclo. Creio que foram quatro as que se apresentaram a exame em Lisboa, todas aprovadas. Iniciaram ainda a preparação do 5º ano, mas só a Piedade terminou aqui este ciclo; depois foi para Portugal continuar os estudos. A M. Amélia reintegrou-se mais tarde na nova Escola. As restantes alunas entretanto tinham partido todas de Roma, à procura de melhor fortuna em Nova York, Paris, Milão...

INTEGRAÇÃO NA NOVA ESCOLA

Estava para iniciar a Escola a Irmã Fernanda Vaz quando o Dr. D'Orey da Cunha me

contactou em vista à colaboração. Dada a minha preferência pelas catequeses, não me uni imediatamente à iniciativa. Foi mais tarde, quando os alunos da nova Escola se aproximavam do fim do Ciclo Preparatório, que alguém lhes sugeriu que me procurassem para o 5º ano, pois não se encontrava nas intenções da Direcção da Escola ir para além do Ensino Básico. De novo me deixei vencer pela grande vontade que manifestavam.

Iniciámos assim em Fevereiro na minha casa a preparação de duas matérias do 3º, 4º e 5º anos (hoje chamados 7º, 8º e 9º de escolaridade): Francês e História. Em quatro meses estes brilhantes alunos estavam preparados. Na mesma época fizeram exame das últimas cadeiras do Ciclo e destas duas do 5º ano. Eram uns seis alunos: quatro caboverdeanas e dois portugueses. A Escola tinha feito pedido de autorização ao Ministério para fazerem aqui também o exame das duas cadeiras do 5º ano mas, não havendo resposta, os dois portugueses decidiram ir fazer exames em Portugal, e um deles (o Manuel Lopes da Mota) obteve as melhores notas do Liceu de Almada. Chegou finalmente a autorização para os exames aqui e também as quatro caboverdeanas obtiveram bons resultados. Vale a pena nomear estas pioneiras: eram a Lalache, a Glória, a Lu e a Iria...

UMA JUSTA ASPIRAÇÃO

Este primeiro resultado foi decisivo. A Direcção da Escola não podia limitar ao Ensino Básico quem aspirava ardentemente a prosseguir. Em Outubro todos os alunos que tinham superado o Ciclo podiam

matricular-se no Liceu. Uma alegria que não se podia conter! A primeira turma teve logo cerca de 25 alunos. Não pude recusar integrar-me então na Escola e prosseguir com os seis do ano anterior mais os restantes vindos do Ciclo...

Era necessário mesmo procurar outros professores para o Liceu e a primeira pessoa que se uniu à iniciativa foi a Teresa Gonçalves, minha companheira em Teologia. Graças à sua colaboração, foi possível suportar também os períodos de exame, quando todos os outros professores já tinham partido de Roma para férias, e nós duas ficávamos animando os alunos, acolhendo o Inspector e organizando as provas.

MULHERES NA DIRECÇÃO DA ESCOLA

Com a partida do P. Morujão, ele mesmo me pediu que tomasse eu a direcção da Escola. A minha dedicação aos alunos era grande; a permanência em Roma no período de exames e o facto de ter uma licenciatura na Universidade do Estado Português podiam simplificar algumas coisas. O P. Mário Garcia, já doutorado na Faculdade de Filosofia de Braga ficaria vice-director.

Para as alunas (a quase totalidade da "escolareca" era feminina) este facto bastante normal teve o valor de um estímulo: a mulher podia, mediante a cultura, assumir funções de direcção. E sem diminuir a estima pelos sacerdotes-professores, sentiram-se interiormente animadas no próprio esforço cultural.

Com a entrada dos primeiros

ex-alunos na Universidade, tivemos logo uma vice-directora ex-aluna caboverdeana, a Maria da Glória Silva, que foi encarregada da Escola Primária, a parte então mais numerosa e totalmente composta de caboverdeanas. escusado dizer que a Glória foi mesmo o justo orgulho das suas compatriotas!

ULTERIOR RELAÇÃO COM OS GOVERNOS DE PORTUGAL E CABO VERDE

A mudança de regime em Portugal e, em seguida, a independência de Cabo Verde, causaram a suspensão do subsídio anual à Escola por parte do Governo Português. Não era muito, mas... era uma ajuda para a viagem de férias dos professores! E bem merecida! Por isso fizemos muitas diligências, primeiro na Embaixada e depois pessoalmente no Ministério dos Negócios Estrangeiros, para recuperar esse subsídio, com o resultado de estabelecer simultaneamente uma relação mais estreita com o Ministério da Educação em Portugal. O subsídio seria retomado e mesmo potenciado, no quadro da cooperação com as antigas colónias, e o Ministério da Educação dar-nos-ia também apoio pedagógico, mediante o nosso envio de relatórios trimestrais. Em breve, na primeira época de exames, o Ministério encarregava oficialmente a directora da Escola da responsabilidade de todos os exames, sem envio de Inspector, e oferecia um modesto subsídio económico para o serviço de exames aos professores que neles tomassem parte.

Quanto ao governo de Cabo Verde, através do Cônsul ho-

norário italiano, brindou-nos também naquele ano com um contributo, ao mesmo tempo que obtinha bolsas de estudo de uma Associação eclesial italiana para as nossas ex-alunas universitárias.

NOVIDADES PEDAGÓGICAS

Com o desenvolvimento da escola necessitávamos de muitos mais professores e, quanto mais elevado era o nível, mais difícil era conseguí-los, não por falta de preparação remota, mas porque a preparação próxima incidia no nosso pouco tempo livre. De toda a maneira, a paixão daquela Escola era contagiosa e todos estávamos dispostos a grandes sacrifícios por ela: faziam-nos os alunos, renunciando a todo o tempo livre, e faziam-nos também os professores envolvidos na mesma lógica.

Foi assim que alguns professores de classes inferiores aceitaram deixá-las para assumir classes superiores e... tornou-se necessário impor aos alunos do ciclo superior que dessem duas horas de aulas por semana à Primária. Uma solução bastante genial, que resolveu o problema no seu conjunto e ajudou a completar a "maturidade" dos alunos do 7º ano. Estávamos no tempo em que era obrigatório em Portugal o "serviço cívico", e uma das nossas ex-alunas portuguesas, transferindo-se da Universidade de Roma para a Universidade do Porto, obteve deste modo o seu indispensável atestado de "serviço cívico" realizado na Escola!

Outra novidade pedagógica foi o desejo de adaptar a Primária à necessidade cultural de mulheres adultas, coloca-

das entre três "mundos": o caboverdeano, o italiano e o português... para não falar do mundo "marinheiro", esse mundo dos maridos, noivos, amigos e irmãos, que continuamente ocupava os seus afetos! Procurámos assim introduzir em todas as classes uma cadeira de Cultura, com as noções de vida que podiam ser-lhes úteis: da sexualidade à geografia, às noções sobre o direito do trabalho, à Política, à Religião...

Outra novidade pedagógica consistiu no esforço por dedicar uma hora semanal à cultura religiosa em todos os ciclos, apesar do pouco tempo de que dispúnhamos.

PARA TERMINAR

Com este complemento à "Memória" do P. Morujão ficou expressa uma "página de vida" minha e de numerosos alunos. A vida continua, transportando-nos para diferentes realidades. Ao mesmo tempo que os meus primeiros alunos singravam na Universidade e já ofereciam o seu contributo à Escola como professores, eu podia desligar-me dela e regressar às minhas catequeses. A Providência de Deus tinha-se servido deste "tijolinho", unido ao concurso de todos os outros, para um momento desta Obra. Possa ela prosseguir generosamente a sua finalidade de cultura, cuja meta (explícita ou implícita) é a construção do "Reino" de justiça social e amor, testemunhado por Jesus Cristo!

Roma, 18 de Abril de 1991.

Maria Silvina Palmeirim

ANTIGAS ALUNAS E PROFESSORAS

Em 1975, com a coragem e a generosidade de uma jovem que anela dar resposta à sua ânsia de mais conhecer e amar, deixei a Madeira, pérola do Atlântico, para vir para Roma onde actualmente vivo com muito entusiasmo.

Alguns meses após a minha chegada a esta cidade antiga e importante mas caótica pelo afluxo de imigrantes e alto nível de turismo, soube da existência da Escola Portuguesa onde um pequeno número de jovens portuguesas, com coragem e responsabilidade, empreendiam um caminho cultural sério e empenhado.

A Escola era então dirigida pelos padres jesuítas e mantinha-se devido ao regime de voluntariado. Foi neste período que comecei a frequentar a Escola como aluna do 5º ano do liceu e, depois, do Curso Complementar. Após esta preparação cultural, entrei num curso superior de assistente social, no Instituto Universitário "Maria SS. ma Assunta". O curso incluiu três anos de estudos intensos, nove meses de estágio e terminou com uma tese para a obtenção do diploma final.

Atribuo esta minha formação cultural e humana, e até espiritual, à Escola Portuguesa que proporcionou a um grande número de jovens a possibilidade de se inserirem na sociedade com uma adequada preparação, tendo alguns conseguido diplomas superiores.

É meu dever agradecer à Escola a cultura que durante quatro anos

recebi e a convivência familiar e amiga que nos proporcionava. Agradeço também a possibilidade de ter podido contribuir como professora durante cinco anos.

Desejo vivamente que a Escola Portuguesa em Roma continue a proporcionar aos alunos uma útil e adequada formação cultural e humana para que possam conseguir um futuro de acordo com as suas exigências individuais e se insiram plenamente na sociedade, contribuindo para um maior desenvolvimento do mundo de hoje.

Ilda Joaquina de Meneses

Cheguei a Roma, em 1983, e pensava ficar só uns meses, pois queria continuar os estudos. Em Roma, porém, deparou-se-me a oportunidade de frequentar o 12º ano e acabei por ficar, sem interromper os estudos. Foi bom porque o ambiente da Escola facilitou-me a inserção, num momento em que já me faltava a camaradagem do liceu.

Recordo-me da boa relação, sem formalidades, entre professores e alunos e da preocupação da direcção da Escola em proporcionar aos alunos uma formação integral: nas aulas, conferências, visitas guiadas, acompanhamento pessoal dos alunos segundo as suas necessidades, etc. Achava muita graça também às actividades extra-escolares em que até as pessoas que não frequentavam as aulas vinham conviver com os alunos. Os alunos, tal como os professores, provinham de Portugal, Brasil, *frica, Itália...

Aquilo que menos gostei foi o facto de ter de fazer exames, no fim do ano lectivo, pois em Portugal basta ter a média suficiente para dispensar. Por outro lado, os alunos estudam mais pois sabem que têm de estar preparados para os exames.

Maria Teresa Santos Almeida

Chamo-me Maria Engrácia Guerreiro, sou alentejana e estou em Roma há cerca de vinte anos.

Em Portugal, comecei a trabalhar desde muito pequena. Por causa da necessidade de trabalhar e também porque não tinha muito jeito para as letras, nunca tinha aprendido a ler e a escrever. Como adulta, tinha vontade de aprender mas, em Portugal, não era fácil, naquela altura, porque não havia escolas com horários compatíveis com os tempos livres de uma empregada doméstica. Além disso, ganhava pouco dinheiro para pagar a um professor particular.

Aqui em Roma, tive a sorte de encontrar a Escola Portuguesa cujos horários coincidiam com os meus dias de folga. Foi assim que, por volta de 1972-75, pude frequentar a Escola Primária e fazer o exame da 4ª classe. Lembro-me que éramos muitos alunos entre portugueses e cabo-verdianos. Havia grande camaradagem entre todos. Quando Cabo Verde se tornou independente, nós brincávamos muito com isso porque para nós era muito estranho termos passado a ter nacionalidades diferentes.

Hoje, esqueci já bastantes coisas porque não continuei a estudar. Mas adquiri hábitos de leitura porque o meu sonho era poder ler e ser independente neste campo.

Maria Engrácia Guerreiro

Sou de nacionalidade angolana. Vim para Itália por motivo de estudos e, durante quatro anos, fui aluna da Escola Portuguesa em Roma.

Falar da Escola é para mim um grande prazer e uma grande alegria. Quero, por isso, partilhar convosco a rica e gozosa experiência que adquiri através dela no campo cultural e relacional. O meu

contacto com a Escola leva-me a afirmar que, além de ser uma obra em função da instrução e educação dos alunos, é um espaço vital onde cada um se desenvolve como em família. É lugar de encontro, de convivência, de comunicação e de relação.

Referir-me agora à Escola Portuguesa, depois da experiência vivida, é aproveitar esta ocasião para dizer mais uma vez "Bem haja!" O meu agradecimento estende-se a todos os que foram promotores desta obra, aqueles que, apesar dos seus mil afazeres, a ela se dedicam, oferecendo o seu tempo e deixando muitas das suas ocupações e tempos livres. É muito tudo quanto dela temos beneficiado e fomos testemunhas de muitas generosidades.

Tocou-me, por sorte, viver os seus momentos difíceis, as horas duras do desalojamento sem garantia de novo espaço. Durante essa época, aprendi dos responsáveis o que significa ser perseverante quando se trata de defender uma causa justa, lutando desinteressadamente em favor de um bem social. Por tudo isto, quero exprimir o meu "muito obrigada" a todos quantos mantêm, com o seu esforço e entusiasmo, a continuidade da Escola e asseguram a sua qualidade. Desejo que nada a impeça de garantir a outros os benefícios que vem oferecendo como serviço de promoção humana e social.

O meu reconhecimento, a minha amizade!

Martinha Lussinga

Falar de experiências é sempre um assunto difícil, devido à nossa capacidade de expressão limitada que, muitas vezes, nos atraiçoa, não nos permitindo dizer o que gostaríamos. Contudo, é sempre possível dizer algo que mais nos tenha marcado na vida.

Para mim, a Escola Portuguesa, independentemente das suas limitações, problemas dos alunos trabalhadores e a própria estrutura, pode satisfazer muitas vezes as necessidades de cada um. Considere-a como uma família onde fui acolhida com carinho e respeito, um espaço onde pude desenvolver muitas das minhas virtualidades humanas, sociais e intelectuais.

A competência de muitos professores, o seu sacrifício, a sua disponibilidade e perseverança, apesar de tantos vendavais, foi para mim motivo de admiração e de maior entrega aos meus irmãos. Espero que a Escola melhore cada vez mais, em métodos sobretudo.

Cristina Sandongo

Realmente, o que vou expressar por palavras é quase nada em comparação com a experiência vivida.

Antes de mais, digo que para mim a Escola Portuguesa foi um aconchego, um ambiente acolhedor onde cada uma de nós, eu em concreto me senti muito feliz. Observei que a Escola acolheu a todos os necessitados e famintos de formação. O relacionamento entre professores e alunos era cordial, simples e alegre.

Como aluna, senti e captei dos meus professores amor, dedicação e interesse para com cada aluno, animando assim a todos. Neste momento, recordo-me de alguns professores que dedicavam horas extraordinárias dando explicações para quem o desejasse e necessitasse.

Também não fui só aluna pois colaborei dando aulas à Primária durante três anos. Foi um enriquecimento o contacto directo com as cabo-verdianas que são simples, alegres e afrontam com serenida-

des dificuldades.

Embora distante, recordo com carinho esse tempo tão feliz e que fez parte da minha formação, durante o tempo em que vivi em Roma.

Vitória Tjipuku

A minha passagem pela Escola Portuguesa foi muito rápida - apenas um ano - mas suficiente para poder apreciar o imenso bem, a vários níveis, que essa Escola proporciona aos emigrantes portugueses, cabo-verdianos e angolanos.

Posso testemunhar que usufruí dessa Escola não apenas os conhecimentos académicos de que precisava, mas toda uma experiência de solidariedade, de convivência, de amizade, de defesa e promoção da nossa cultura e, simultaneamente, de respeito e aceitação de outras culturas. Sinto que foi um intercâmbio de modos diferentes de estar na vida, de modos diversos de encarar as realidades e, por isso mesmo, de enriquecimento recíproco.

No ano 1977-78, fui aluna de duas disciplinas do Curso Complementar, inglês e filosofia, leccionadas respectivamente pelo P. Peter Stilwell e Dra. Silvina Palmeirim. Como, para terminar o 7º ano, me faltava a disciplina de Política e a Escola não a leccionava nesse ano, estudei particularmente, orientada pelo Dr. António Feliciano de Oliveira, e a Escola facultou-me também o exame dessa disciplina. Leccionei, nesse mesmo ano, português à 4ª classe, sendo a grande maioria alunos cabo-verdianos. Só não continuei, nos anos seguintes, essa maravilhosa experiência, porque o meu horário de estudante universitária, durante a semana, não se coadunava com

os horários da Escola. Nos domingos de tarde, tinha de atender, em nome do Instituto Secular das Cooperadoras da Família, outras actividades pastorais, algumas delas em colaboração directa com a Escola, como por exemplo, festas recreativas e religiosas, além de excursões ou visitas de estudo.

É de sublinhar o sistema de voluntariado e a solidariedade no funcionamento da Escola. Os professores não recebiam qualquer salário e assumiam com toda a responsabilidade a sua missão de educadores, interessando-se pela situação concreta de cada aluno. Os alunos, por ocasião do Natal e da Páscoa, juntavam-se para oferecer aos respectivos professores uma oferta simbólica, testemunhando, assim, a sua gratidão pelo bem recebido.

Em conclusão, a Escola era um espaço de encontro, um centro de cultura, e constituía uma verdadeira família onde cada um se interessava pelo próprio crescimento e pelo crescimento dos outros.

Maria de Fátima Castanheira Baptista

Lembro-me que, em Setembro de 1971, fui para Roma e, logo nos primeiros contactos com as emigrantes, começámos a falar nas aulas de instrução primária. Iniciámos essas aulas na nossa casa [Cooperadoras da Família], não me lembro com quantas alunas, mas sei que algumas foram fazer exame a Portugal. Ao mesmo tempo, apareceu um grupo que queria fazer o 5º ano do liceu, do qual eu fazia parte. Começámos a ter aulas com a Silvina e a Teresinha, na casa delas, até que surgiu a possibilidade de leccionarmos no Instituto de Santo António dos Portugueses.

Os alunos eram cabo-verdianos, portugueses e um brasileiro. Os

professores eram portugueses e brasileiros. Os alunos não pagavam nada, excepto quando livremente davam algum presente aos professores ou faziam alguma festinha para confraternizar. A maioria eram raparigas e só me lembro de um rapaz na primária e outro no secundário.

Iniciei dando aulas mas a mais beneficiada fui eu porque também estudava, fazendo duas matérias do Curso Geral por ano e completando-o em 1976-77.

Maria Raquel

O que mais me impressionou quando cheguei, em 1979, foi ver que a Escola era um centro em que as pessoas se encontravam e recebiam alento, partilhando os mesmos problemas. A colaboração que a Escola estabelecia com os outros vários centros portugueses tornava-a um pretexto de unidade, com actividades que interessavam a todos e não só aos que queriam estudar.

Etelvina Nunes

ACTUAIS ALUNOS

Chamo-me Sandra Teixeira, tenho 28 anos e há um ano e meio que vivo em Roma. Estava ainda em Moçambique quando soube da Escola Portuguesa, através de uma amiga, Ana Rodrigues.

Quando me inscrevi na Escola, quase no fim do 1º período, não estava muito preparada para continuar a estudar, pois tinha deixado os estudos em 1982. Mesmo assim, com a ajuda dos professores,

colegas e do material à disposição na Escola, consegui fazer quatro exames e passei a todos.

Este ano, estou a fazer as duas últimas disciplinas que me faltam do Curso Complementar e inscrevi-me também a três disciplinas do 12º ano. Desejo acabar a Escola este ano porque, no próximo, gostaria de começar a estudar sociologia na Universidade.

A Escola Portuguesa deu-me a possibilidade de estudar novas matérias, diferentes daquelas a que estava habituada pois, em Moçambique, as disciplinas e os programas são diferentes. Por isso, para mim foi uma novidade recomendar a estudar.

Sandra Teixeira

Quando cheguei a Roma, não tinha a menor intenção de estudar porque achava que o trabalho já chegava. Foram duas amigas, que diziam que eu tinha de estudar e não pensar só no trabalho, que me levaram, uma Quinta-feira, à Escola para a conhecer. Ali encontrei o Director e disse-lhe logo que não vinha para estudar. Ele tanto falou comigo que, por fim, me convenceu e, nesse mesmo dia, fui assistir a uma aula. Ainda hoje não consigo entender como o Director me conseguiu convencer. Quando fui assistir à primeira aula, achei tudo estranho, com tanta gente nova e desconhecida. Mas só o primeiro dia me custou. Depois, ia para as aulas com muito entusiasmo e por minha própria vontade. Ao mesmo tempo, com muito esforço porque trabalhava doze horas por dia ou ainda mais, com duas horas de descanso. Com força de vontade, com a ajuda dos colegas e de bons professores, consegui andar para a frente e estou agora no último ano do Curso Geral, tendo chegado apenas com o 1º ano.

Agora sei dar valor à Escola e

penso que todos nós devíamos pensar num futuro melhor. Para isso, é preciso estudar e não pensar só em trabalhar porque com dinheiro mas sem cultura não somos ninguém.

Quando cheguei à Escola, em 1987, tínhamos aulas no Instituto Português de Santo António. Como no ano seguinte nos foi impedido o acesso a este Instituto, as aulas passaram a ser dadas nas "catacumbas". Demos este nome a algumas salas que nos foram cedidas pela paróquia de Santo Agostinho. Ali, as condições eram péssimas, apesar dos esforços dos professores e alunos para as tornarem mais acolhedoras e alegres. Depois das "catacumbas", foi-nos dada esta Escola onde estamos muito satisfeitos e com condições impecáveis. As Irmãs do Colégio são muito acolhedoras e tentam-nos também ajudar em tudo aquilo que podem. Por termos uma Escola como esta, devemos agradecer à Caritas que nos ajudou a melhorar as nossas condições escolares.

Gosto muito de estudar na Escola Portuguesa, embora me ocupe o meu tempo livre. Por isso, agradeço aos professores e colegas e, principalmente, ao Director por me ter ajudado a convencer a estudar. Não estou arrependida.

Fernanda Gonçalves Pereira

Antes de vir para Itália imaginava que a escola fosse semelhante a todas as outras escolas públicas. Porém, o que mais me surpreendeu é que os alunos são bastante fora do vulgar, na medida em que quase todos, jovens e adultos mais velhos do que eu, trabalham e sabem o querem da vida. Entre outras qualidades, são pessoas educadas e simpáticas.

Dos professores guardo também a melhor impressão pela sua sim-

patia e disponibilidade.

Tive dificuldade em habituar-me ao ritmo de aulas mais longas do que é habitual e custa-me pensar que daqui a dias terei exames a sério!

Gosto do ambiente mas só esperava que aqui houvesse mais "pães", ou seja, rapazes girois!

Silvia Ferreira

Cheguei a Roma em Setembro de 1988 e frequentei a escola desde essa data. Fiz novas amizades e encontro-me muito bem com os colegas e os professores o que contribui para que o clima da escola seja esplêndido.

Esta escola foi para mim a possibilidade de dar valor ao estudo e à cultura na minha vida. Por isso, procurei aproveitar bem o tempo estudando desde o início do ano, procurando superar as dificuldades que foram aparecendo. Espero chegar ao fim do ano e ultrapassar com sucesso os exames das disciplinas em que me inscrevi.

Em Portugal fiz a quarta classe e foi em Roma que comecei o Primeiro Ciclo. Espero, no futuro, continuar a estudar até onde a minha capacidade e força de vontade chegar. O meu sonho era ser advogada. Sei que será difícil de realizar, mas espero, pelo menos, tirar o máximo proveito dos estudos que estou a realizar. Tenho muita esperança no que estou a fazer por mim mesma e pelos meus filhos que, deste modo, poderei ajudar no futuro. É por isso que estou convencida de que a escola é fundamental.

*Maria Eugénia Vieira
Marques da Silva*

Frequento actualmente o Curso Geral. Tive conhecimento da Escola Portuguesa através de uma pro-

fessora e decidi inscrever-me logo que pude.

A existência desta escola é muito importante para mim e para a maior parte dos trabalhadores. Ela vem ao encontro das nossas necessidades adaptando até o seu horário aos nossos tempos livres. Deste modo, podemos trabalhar e estudar sem perder horas de trabalho.

Espero que a escola possa continuar a existir por muitos anos.

Élia Ribeiro

Sou Caboverdiana da Ilha de São Vicente. Tinha vindo para Itália onde residia a minha mãe, com a ideia de seguir uma escola italiana para depois ingressar num curso de enfermagem. Porém, a minha mãe soube que em Roma havia uma escola portuguesa onde eu poderia fazer o Curso Geral em português. Então preferi a escola portuguesa porque na minha língua os estudos seriam inicialmente mais fáceis.

Estou no nono ano e frequento a Escola há cinco anos. Pude até começar a trabalhar porque a divisão do curso por disciplinas permite-me um horário mais compatível com o meu trabalho. Além disso, os professores ajudam-nos muito porque são muito disponíveis conosco.

Vera Lúcia

Sou natural de Angola, tenho 28 anos e pertenço às religiosas da Companhia de Santa Teresa do Menino Jesus.

Em Angola fui estudante da Pré-Universidade de Ciências Biológicas à noite, mas não pude concluir os estudos devido ao clima de guerra onde todos vivíamos. Os su-

periores preferiram mandar-me concluir os meus estudos aqui em Roma para depois voltar e poder ajudar o meu país.

E porquê na Escola Portuguesa?

Primeiro porque é de expressão portuguesa e depois porque a congregação tem a experiência dos resultados positivos obtidos em tantas pessoas que aqui estudaram, fruto do sacrifício de todos os que directa ou indirectamente colaboram com a escola. Por isso vale a pena corresponder à iniciativa dos fundadores; estudar com todo o afinho para depois poder servir os irmãos.

Pessoalmente estou muito contente com a Escola Portuguesa.

Laurinda Nambongo

ANTIGOS DIRECTORES

Deu-me muita alegria saber que a Escola continua a crescer e se prepara para celebrar o 20º aniversário de funcionamento.

A maior alegria que tive foi ver o sonho tornar-se realidade. A maior parte das raparigas que acompanhava eram analfabetas. Li e escrevi muitas cartas. Percorri muitas ruas, bati a muitas portas, correndo riscos, mas valeu a pena. Foi bom. O tempo foi pouco mas vivemos muito...

A todos os que continuam tão grande obra os meus calorosos cumprimentos e os meus parabéns. Deus dá sem medida àqueles que O acolhem nos irmãos.

Maria da Ressurreição Vaz

(1ª directora da Escola)

ENTIDADES

Aposto no subsídio à "Cultura" dos educandos porque o empenho dos docentes é apreciável.

Provavelmente para se chegar ao dia de hoje, nem sempre tudo foi fácil; aliás, saber contornar as dificuldades, ensina, engrandece.

Aguinaldo Pacavira

(Adido cultural da Embaixada de Angola em Itália)

Praia, 25 de Fevereiro de 1986.

O Sr. Ministro agradece as informações que teve a gentileza de lhe enviar e pediu-me que lhe falasse do elevado apreço e muita gratidão do Governo de Cabo Verde relativamente à ajuda que os emigrantes do nosso país recebem da Escola Portuguesa de Roma.

Entende o Sr. Ministro que será conveniente visitar a Escola Portuguesa de Roma para, entre outras coisas, me informar junto da direcção sobre em que medida o Ministério da Educação de Cabo Verde poderá intervir com vista a ajudar a resolver alguns problemas da escola.

João Quirino Spencer

(Secretário Geral do M. da Educação de Cabo Verde)

21.11.1989

Incumbiu-me o Sr. Corsino Tolentino, Ministro da Educação de lh informar que foi transferida através do Banco

de Cabo Verde e a favor da Escola Portuguesa em Roma, a quantia de 887.400 Liras, uma modesta contribuição deste Ministério para as despesas de orçamento para o ano lectivo de 88/89.

Mais informo que o Sr. Ministro registou com agrado o facto de 70% dos alunos que frequentam a EPER serem Caboverdianos o que demonstra a importância e interesse que a nossa comunidade em Itália atribui a essa Instituição e aproveita a oportunidade para lhe assegurar todo o apoio dentro das reais possibilidades do Ministério da Educação à Escola Portuguesa.

Eugénia Oliveira

(Directora do Gabinete do Ministro da Educação de Cabo Verde)

15.03.1990

Viva a Escola de Língua Portuguesa de Roma. Este encontro Será inesquecível. Que tenha a tenção que merece!

Corsino Tolentino

(Ministro da Educação de Cabo Verde)

Roma, 18 de Novembro de 1990

Tive muito prazer de me encontrar com a comunidade que se reúne na Escola Portuguesa em Roma, de celebrar a Eucaristia e participar na festa de S. Martinho. Felicito todos aqueles que a promovem e como bispo da Comissão Episcopal Portuguesa para as Migrações deixo também a saudação dos Bispos de Portugal.

D. Teodoro de Faria

(Bispo do Funchal, Presidente da Comissão Episcopal Portuguesa para as Migrações e Turismo)

21.03.1991

A uma obra e uma acção pouco conhecida em Portugal e, por vezes mal interpretada e de atitudes incompreensíveis! A vossa acção advém de um sentido de solidariedade cristã, no humanismo de CRISTO, na doação aos outros naquilo que existe de melhor: conhecer, dar a conhecer porque quanto mais o Bem se conhece mais se pratica!

Bem hajam pelo vosso trabalho! Deus vos proteja!

Dr. Luiz Gaspar da Silva

(Embaixador de Portugal em Itália)

21.04.1991

Na hora da despedida da cidade eterna gostaria de dizer uma palavra de apreço e de saudade pela amizade, correcção e dedicação que sempre pautou as nossas relações.

Aproveito ainda para desejar as maiores felicidades e êxitos a nível escolar. Levo o exemplo de um trabalho extremamente sério e dedicado por parte dos professores e aplicado por parte dos alunos por mim testemunhado desde há mais de nove anos. Com muita amizade,

Dr. José Manuel Pessanha Viegas

(Cônsul de Portugal em Itália)

20 ANOS DE DEDICAÇÃO

Ordem cronológica: 1971-1991

Apresentamos nas seis páginas seguintes uma LISTA DOS PROFESSORES, por ordem cronológica (anos lectivos), indicando abreviadamente as respectivas nacionalidades e as matérias leccionadas. Os dados foram extraídos do material arquivado, infelizmente lacunoso relativamente aos primeiros anos. Não se incluem os professores que leccionaram apenas ocasionalmente, e é possível que algumas informações pequem por defeito. Também não se faz menção dos professores que, por ocasião dos exames, possuindo as habilitações necessárias, "salvaram" a Escola aceitando ser examinadores de algumas matérias (a Ir. Maria Antónia Guerreiro é apenas um exemplo). Muitos dos professores são, ou foram, padres -- religiosos (em maioria jesuítas) ou diocesanos.

Da documentação arquivada constam, entre outros, as seguintes informações:

A primeira responsável pela Escola foi, no primeiro ano, Fernanda Vaz; no segundo, Beatriz da Costa Peixoto. Nos primórdios da história da Escola, encarregado dos contactos com as entidades oficiais portuguesas foi Vasco Lourenço Ribeiro Pinto de Magalhães (na Escola até 1976). A principal entidade patrocinadora da Escola foi, até ao seu desalojamento, o Instituto Português de Santo António, na pessoa de Mons. António Borges.

O primeiro subsídio recebido pela Escola, em 1973/74, foi de 80.000 libras; o segundo, no ano seguinte, atingia o valor de 80.000+192.000 libras. Para o ano lectivo de 1976/77, a Escola apresentava um orçamento de 4.000.000 de libras, destinado a "gorjetas" aos porteiros dos Institutos de Santo António dos Portugueses e das Irmãs Ursulinas, e a "subsídios" anuais aos Professores.

Pela primeira vez em 1976/77 consta formado um Conselho Directivo. Em 1977 foi solicitado pela primeira vez às Autoridades Portuguesas um Estatuto Oficial. No mesmo ano é introduzido pela primeira vez o estudo do Italiano, com auspícios de que possa ser autorizado como Língua estrangeira. O 12º ano foi introduzido em 1982/83.

PRIMEIRAS 1971/72 = 54 alunos; 1972/73 = 68 alunos; 1973/74 = 86 alunos; 1974/75 = 130;
INSCRIÇÕES: 1977/78 = 310 alunos (177 portugueses, 99 caboverdianos, 34 sem passaporte),
assim distribuídos: 172 na Alfab., 86 no Ciclo, 40 no Curso geral e 10 no Compl.

PRIMEIROS EXAMES: 1972/73 -- IV Classe: 7 alunos; Ciclo Preparatório: 9 alunos;
1973/74 -- IV Classe: 10 alunos; Ciclo Prep.: 13; Curso Geral: 4;
1974/75 -- IV Classe: 15 alunos; Ciclo Prep.: 30; Curso Geral: 8.

ALGUMAS ABREVIACÕES USADAS:

Alf = Alfabetização de adultos (I-II-III-IV Classes); Cp = Ciclo Preparatório (5º-6º anos);
Cg = Curso Geral (7º-8º-9º anos); Cc (CC) = Curso Complementar (10º-11º anos); 12º = 12º Ano Escol.
2C = 2º Ciclo do Ensino Básico (introduzido em 1990/91); E.DIU. = Ensino Diurno normal infantil (manhã)

MATÉRIAS: P (Port) = Português; F (Fr) = Francês; I (Ing) = Inglês; Ita = Italiano;
H (Hist) = História; M (Mat) = Matemática; CS = Ciências Sociais; CA = Ciências do Ambiente;
I.EC. = Introdução à Economia; F (Fil) = Filosofia; I.Pol. = Introdução à Política; F.-Q. = Física e Química; E.Vis. = Educação Visual e Desenho; H/A: O homem e o Ambiente (2º Ciclo); FC = Formação Complementar; L.Ital = Literatura italiana... Um número a seguir à disciplina indica o seu nível (ano).

NACIONALIDADES: P = Português; CV = Caboverdiano; BRA = Brasileiro; IND = Indiano; USA = Estadunidense.

(Consideramos eventuais outras abreviações usadas suficientemente decifráveis para uma boa intuição)!

		71/72	72/73	73/74	74/75	75/76	76/77	77/78	78/79	79/80	80/81	81/82	82/83	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	
37	José Luís Mesa	-	-	-	-	-	-	Cp Ing	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Lourdes Ferreira Martins	P	-	-	-	-	-	Aif I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Manuel Alves Pinheiro	-	-	-	-	-	-	Cp Hist.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria Amélia Carreira das Neves	P	-	-	-	-	-	Epl. Ing Iz. P. Cp Ing	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria da Glória Silva	CV	-	-	-	-	-	Cp Ing. II. Cult III. Port	IV. Cult V. Port	VI. Cult VII. Port	CP Hist	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria Isabel Teixeira da Silva	-	-	-	-	-	-	III. Port	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria Júlia Barroso da Silva	P	-	-	-	-	-	Cp Fr. Cp Hist	Cp Hist	Cp Hist	Cp Hist	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria do Rosário Ramos	CV	-	-	-	-	-	I Aif	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Miguel Valdrighi	BRA	-	-	-	-	-	Cg MAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Olívia Gomes Marques	-	-	-	-	-	-	Cp	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Olívia Moreira de Sousa	-	-	-	-	-	-	II Aif	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Peter Damian Francis Stillwell	P	-	-	-	-	-	CC ING	CC ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
49	Sebastião Pedrosa	-	-	-	-	-	-	Cg ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Antônio Feliciano de Oliveira	P	-	-	-	-	-	Cg MAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Antônio de Oliveira	-	-	-	-	-	-	III CULT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Eutrópio Lima da Cruz	CV	-	-	-	-	-	IV CULT	Cp PORT	Cp PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Fernando Bernardo de Pinho	P	-	-	-	-	-	Cg Ing	CC HIST	CC HIST	CC I.POL.	CC FIE	CC I.FOI.	CC CC.FIG.	CC CC.FIG.	CC CC.FIG.	CC CC.FIG.	CC CC.FIG.	CC CC.FIG.	CC CC.FIG.	Subst. Dir. CD	
	Ilda Joaquina de Meneses	P	-	-	-	-	-	II ARIT	III ARIT	III ARIT	-	IV PORT	-	-	-	-	Aif PORT	-	-	-	-	
	João Araújo	CV	-	-	-	-	-	I+IV CULT	I CULT	I CULT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Lucialina Cabral	CV	-	-	-	-	-	II PORT	I PORT	IA PORT	III PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Mafalda Manjúlia	ANG	-	-	-	-	-	I ARIT	III CULT	II CULT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria Amélia Aniceto Pereira	P	-	-	-	-	-	III ARIT	Cp C.NAT	Cp Mat.2	Cp Mat.2	Cp Mat.2	III. Ar. Cp. M ₂	III. Ar. Cp. M ₂	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria de Fátima Cast. Baptista	P	-	-	-	-	-	IV PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Maria Rosário Spencer [Lalache]	CV	-	-	-	-	-	Cp ING	Cp ING	Cp ING	Cp ING	Cp ING ₁	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
65	Matilde Ngoi	ANG	-	-	-	-	-	Cp C-NAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Rufina Marques da Fonseca	P	-	-	-	-	-	II ARIT	I ARIT	IB MAT	II MAT	I MAT	I+II ARIT	I+II ARIT	II ARIT	I+III ARIT	Aif I ARIT	Aif I ARIT	Aif I ARIT	Aif I ARIT	Aif I ARIT	
	Tiago de Brito	CV	-	-	-	-	-	Cp MAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Virgínia Abrantes Amaral	P	-	-	-	-	-	I PORT	II PORT	II PORT	-	-	Cg ING	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Victor Abrantes Amaral	P	-	-	-	-	-	II PORT	Cp MAT	Cp MAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	1978/79	Alice Couto	ANG	-	-	-	-	-	II ARIT	II MAT	II+III ARIT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		Beatriz Peixoto	P	-	-	-	-	-	II Mat PORT	II Mat PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		Carolina Maria Ramos Pimentel	CV	-	-	-	-	-	IB PORT	IB PORT	IV ARIT	IV ARIT	Cp ING ₁	Cp ING ₁	Cp Ing 2	Cp Ing 2	Cp Ing 2	Cp Ing 2	Cp Ing 2	Cp Ing 2	Cp Ing 2	2 ^o C. Ing
		Douglas Hypolite	USA	-	-	-	-	-	Cp ING	Cp ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		Júlia Gonçalves	P	-	-	-	-	-	I CULT	IB CULT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		Marko Ivan Rupnik	JUGOSL	-	-	-	-	-	Cp Ed. Vis.	Cp Ed. Vis.	Cp Ed. Vis.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		Maria Filomena Trigueiros	P	-	-	-	-	-	Cg DES.	Cg DES.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

		71/72	72/73	73/74	74/75	75/76	76/77	77/78	78/79	79/80	80/81	81/82	82/83	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91
73	Maria Isabel Silva	P	-	-	-	-	-	-	IA Cult	IA Cult	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria José Trigueiros	P	-	-	-	-	-	-	Cg MAT	Cg MAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Marília Ferreira	P	-	-	-	-	-	-	IV ARIT	IV ARIT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Vitória Tchípuku	ANG	-	-	-	-	-	-	IV PORT	IV PORT	IV PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1979/80	Joaquim Andrade	P	-	-	-	-	-	-	CP FL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	José Pires Lopes Nunes	P	-	-	-	-	-	-	Cg F-Q	Cg F-Q	Cg MAT	Cg MAT	IV MAT	-	-	-	-	-	-	-	-
	José da Silva do Adro	P	-	-	-	-	-	-	III PORT	III PORT	-	-	CP HIST	CP HIST	CP HIST	-	-	-	-	-	-
1980/81	Adérito Machado	P	-	-	-	-	-	-	CP MAT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Agostinho Basílio Teix. Mendes	P	-	-	-	-	-	-	Cg Fis/Q	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Alfredo de Oliveira Dinis	P	-	-	-	-	-	-	Cg J.M.	Cg MAT	Cg MAT	Cg MAT	Cg MAT	Cg MAT	-	-	-	-	-	-	-
	Ana Joaquina Fonseca Matias	P	-	-	-	-	-	-	II PORT	III P+Cult	IV PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Antonita Fimino	CV	-	-	-	-	-	-	IV Cult	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Carlos Alberto Moreira Azevedo	P	-	-	-	-	-	-	EC HIST	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Carlos José Neves Delgado	P	-	-	-	-	-	-	Cg PORT	Cg PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Etelvina Pires Lopes Nunes	P	-	-	-	-	-	-	IV PORT	-	-	-	III Cult	II+III Cult	III P+Cult	CC Fie.	-	-	-	-	-
	Eva Marso	P	-	-	-	-	-	-	CP PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Ferdinando F. F. de Freitas	BRA	-	-	-	-	-	-	Cg C.AMB	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Francis William Huete	USA	-	-	-	-	-	-	CP Ing 1	CP Ing 2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Henrique Luís de Oliveira	CV	-	-	-	-	-	-	II Cult	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Hilda Mecozzi	ITA	-	-	-	-	-	-	CC Ital	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	João da Silva Peixoto	P	-	-	-	-	-	-	Cg PORT	Cg PORT	CC HIST	CC HIST	-	Cg HIST	CC HIST	CC HIST	-	-	-	-	-
	Maria Filomena Gomes Araújo	CV	-	-	-	-	-	-	I PORT	I-PORT	I+II Cult	II Cult	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Madalena Costa P. Martins	P	-	-	-	-	-	-	III ARIT	III ARIT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Odete Martins	P	-	-	-	-	-	-	CP C.NAT	CC FL	12° FL	-	CC FL	CC FL	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR
	Maria Teresa Pestana	P	-	-	-	-	-	-	Cg DES.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Melchior Moonipa		-	-	-	-	-	-	CP FL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Paulino de Andrade Pina	CV	-	-	-	-	-	-	CP PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1981/82	Antónia Vitorina Gomes	CV	-	-	-	-	-	-	I PORT	CP Ing 2	CP Ing 2	CP Ing 1	CP Ing 1	CP Ing 1	CP Ing 1	-	-	-	-	-	-
	Editte Moreira de Carvalho	P	-	-	-	-	-	-	II PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Eugène Philippe-Dramou	GUINE KON.	-	-	-	-	-	-	Cg FR	Cg FR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Ilda Ribeiro Gomes Tomás	P	-	-	-	-	-	-	CP FR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	João Gerlado Kolling	BRA	-	-	-	-	-	-	Cg C.SOC	Cg C.AMB	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	José Ornelas de Carvalho	P	-	-	-	-	-	-	CP PORT	CP PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Levíno Calli	BRA	-	-	-	-	-	-	CP HIST	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Mariagrazia Russo	ITA	-	-	-	-	-	-	CC PORT	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR	CC 12° TR	-	12° UT PORT	-	-	-	-	-	-
	Maria José Andrade Martins	CV	-	-	-	-	-	-	II ARIT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

		71/72	72/73	73/74	74/75	75/76	76/77	77/78	78/79	79/80	80/81	81/82	82/83	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91
09	Maria de Lourdes de Jesus	EV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP MAT ₁	CP MAT ₁	CP MAT ₁	CP MAT ₁	I-II P+cul cp M ₁	III CULT	I+II P+cul S+cul	IX P+cul	-	-
	Maria Margarida Godinho Nápoles	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP Ed.Vis	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Olívia Dias	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP C-NAT	CP C-NAT	CP C-NAT	CP C-NAT	-	-	-	-	-	-
	Paulo Pires	TIMOR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP PORT ₂	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Robert Spitzer	USA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-
114	Rosy Ruggiero	ITA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1982/83	Angelina Coelho Cabral	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	III PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Antônio Carlos C. Semedo Varela	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	-	-	-	-	-	-	-	-
	Bernardino Alexandre de Brito	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	II CULT	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Henrique Luís Oliveira	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP PORT ₁	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Ivan Bourghardt	AFRICA Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12° L.ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Carvalho Lopes	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP HIST	-	-	CP HIST	Cg HIST.2	Cg HIST.2	-	-	-	-
	Maria Dulce Araújo Evora	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	III ARIT	II ARIT	II PORT	II PORT	II PORT	II PORT	II PORT	II PORT	II PORT	II PORT
	Maria de Lurdes Martins	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	II PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Manuela Oliveira T.Borges	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg MAT ₁	II-AR Cg F.G.	II-AR Cg F.G.	II-AR Cg F.G.	-	-	-	Cg M ₃	Cg M ₃	Cg M ₃
	Maria do Rosário Silva Durrães	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP PORT ₁	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Nestor Adolfo Eckert	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12° ALEMAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
126	Querubim José Pereira da Silva	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg PORT ₂	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1983/84	Albertino Gonçalves	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg HIST	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Jean Kombila Nyema	WABO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg F ₁	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂	Cg F ₂
	Jean Roger Ndombi	KONJO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12° FR.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	João Hülse	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg ING.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	José Maria Pacheco Gonçalves	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂
	Laurent Kageruka	RUANDA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC FL	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Linus Kujur	INDIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12° ING	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Luís Fernandes Med. Rodrigues	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg C.Sol.	Cg I.Ec.	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Carlota Proença Almeida	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP Ed.Vis	Cg MAT ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂	Cg P ₂
	Nuno da Silva Gonçalves	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg PORT ₂	Cg PORT ₂	-	Cg PORT ₂	-	Cg PORT ₂	-	Cg PORT ₂	-	Cg PORT ₂
	Rosa Dolores Bernardo de Pinho	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP F ₁	CP F ₁	-	-	-	-	-	-	-	-
1984/85	Anabela Gonçalves Pedro	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁	Cg MAT ₁
	Ana Maria Andriano Botelho	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING	Cg ING
	Antônio Francisco Sanches	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	IV CULT.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Antônio Manuel Neto Samelo	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP PORT ₁	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Jorge Teixeira da Cunha	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	IV P+cul	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT	Cg PORT
	Júlio Franklin	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	IV PORT	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Maria Crescência Mota	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	I PORT	II P+cul	-	-	-	-	-	-	-	-

		71/72	72/73	73/74	74/75	75/76	76/77	77/78	78/79	79/80	80/81	81/82	82/83	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91
45	Rodolfo Corrêa e Silva	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg Ing ₁	-	-	-	-	-
1985/86	Camillus Nzumbi Kassala	TANZ.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg Ing ₁	-	-	-	-	-
	Carlos Alberto Costa	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cp DES. Cg MAT ₂	Cg DES. Cg MAT ₂	Cp DES. Cg MAT ₂	Cp DES. Cg MAT ₂	-	-
	Daniel Leopoldo Aldana Acácio		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	IV AR. Cg M ₂	-	-	-	-	-
	Eneida de Almeida	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	III AR. Cg M ₃	IV AR. Cg M ₃	-	-	-	-
	Fernando Jorge Sá de Sousa	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC PORT	-	-	-	-	-
151	Luísa Fernandes	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cp P ₁	-	-	-	-	-
1986/87	Arthur Mehr	USA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC Ing ₁	CC Ing ₁	-	-	-
	Carlos Augusto Manso Fernandes	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg HIST ₁	-	-	-	-
	Carrol Ciran	IRL.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg Ing ₂	-	-	-	-
	Dulce Silva	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	E. Dúo HIST+DES	-	-	-	-
	Elisabeth Bertoni	B	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg QUIM.	-	-	-	-
	Gianni Agostinelli	ITA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC ITAL	-	-	-	-
	Isabel Maria A. Oliveira Santos	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	II MAT.	E. Dúo MAT.	E. Dúo MAT.	E. Dúo MAT.	E. Dúo MAT.
	Jacira Castro da Silva	BRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	IV PORT Cult	CP PORT	-	-	-
	Laura De Luca	ITA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12° L. ITAL	-	12° L. ITAL	-	-
	Madalena Gomes Martins	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	E. Dúo PORT	E. Dúo PORT	-	-	-
	Manuel Mendonça Esteves	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP PORT ₂	-	-	-	-
	Manuel Oliveira Carreira	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP HIST	CP HIST	Cp HIST	CP HIST	E. Dúo 2° C. HA
	Michael Kutchera	USA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg Ing ₁	-	-	-	-
	Peter Brook	GB	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12° INGL.	-	-	-	-
166	Silvina Mendes Alves Oliveira	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cp M ₁ Cp M ₂	Cp M ₁ Cp M ₂	-	-	-
1987/88	Alessandro Feliciangeli	ITA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC ITAL	-	-	-	-
	António Luís Esteves	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC PORT	-	-	-	-
	Isabel Carvalho C. Minervini	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC HIST	Cp H ₁ 12° H.	Cp H ₂ 12° H.	Cp H ₃ 12° H.	Cp H ₄ 12° H.
	Jorge Manuel Faria Guarda	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg PORT ₁	-	-	-	-
	Leonor Dias Nunes	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	III-B PORT	E. Dúo PORT	E. Dúo PORT	E. Dúo PORT	E. Dúo PORT
	M'Nteba Metena	ZAIRE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC FI	-	-	-	-
173	Ugo Carlo Olivieri	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg MAT. 3	Cg MAT. 1	Cp M ₂ Cp M ₁	Cg MAT. 2	-
1988/89	Ezequiel Gwembe	MOZ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC Ing ₁	CC Ing ₁	-	-	-
	João de Deus Costa	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg C. ANG.	Cg C. ANG.	Cp H ₁ 12° H.	Cp H ₂ 12° H.	Cp H ₃ 12° H.
	Jorge Alves Barbosa	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC LIT.	-	-	-	-
	José Carlos de Miranda	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cg PORT ₁	Cp P ₁ Cp P ₂	Cg PORT ₁	Cg PORT ₁	-
	Henrique de Almeida Chaves	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CC FI	-	-	-	12° L. PORT
89/90	Alexandre Francisco F. Santos	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	CP PORT	-	-
	Celeste Faria Tavares Almeida	CV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Art. Cult.	-	-

A ESCOLA EM NÚMEROS

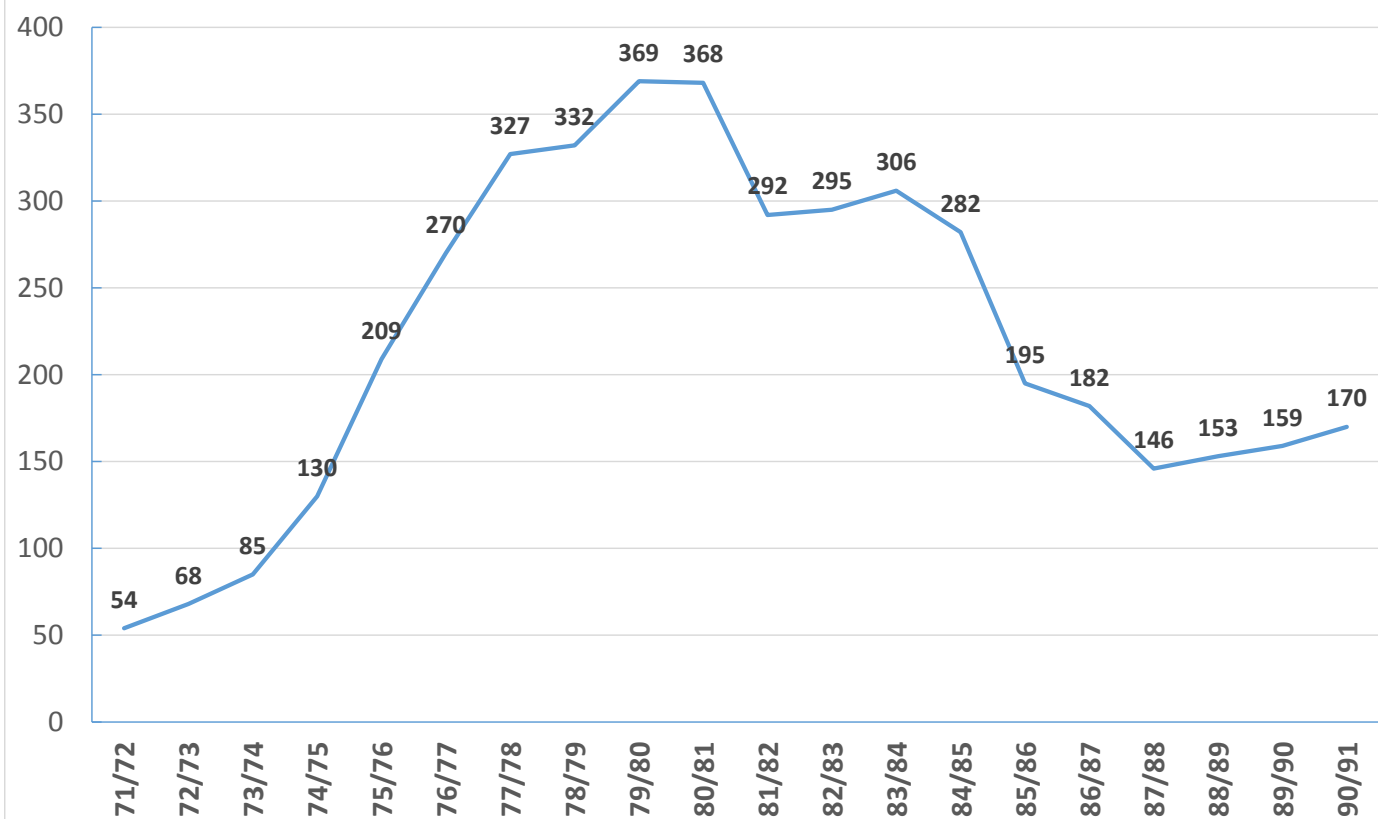
NOTA

Os gráficos seguintes foram reeditados, respeitando o estilo original (colunas, com legendas idênticas) e, naturalmente, copiando escrupulosamente os dados dos mesmos. Nas colunas, foram apenas acrescentados os rótulos dos dados.

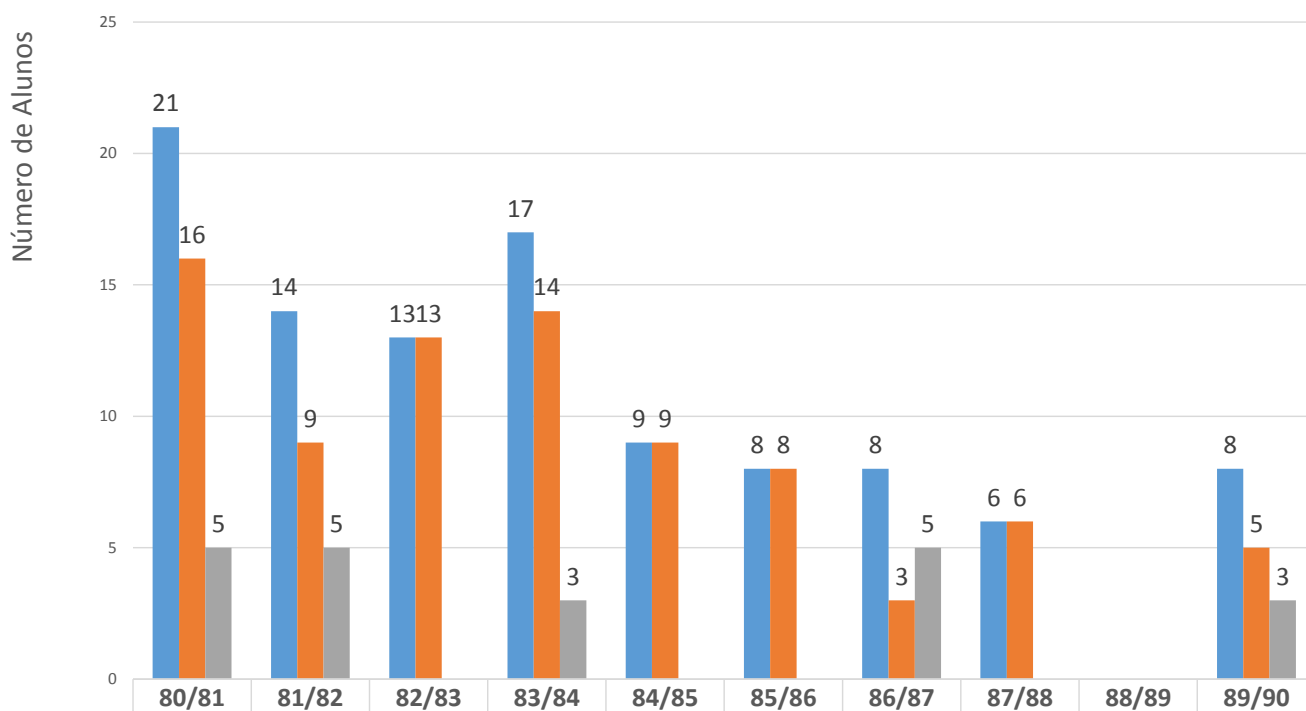
A ordem de distribuição nas páginas (25-41) é idêntica à original.

No final, acrescentam-se 4 gráficos que, embora de modo excessivamente concentrado, ilustram globalmente os resultados, por níveis de ensino/disciplinas, e um outro que apresenta o êxito escolar de dois alunos (irmãos) que realizaram exames do Ciclo Preparatório Normal (1989/90).

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS | 1971-91

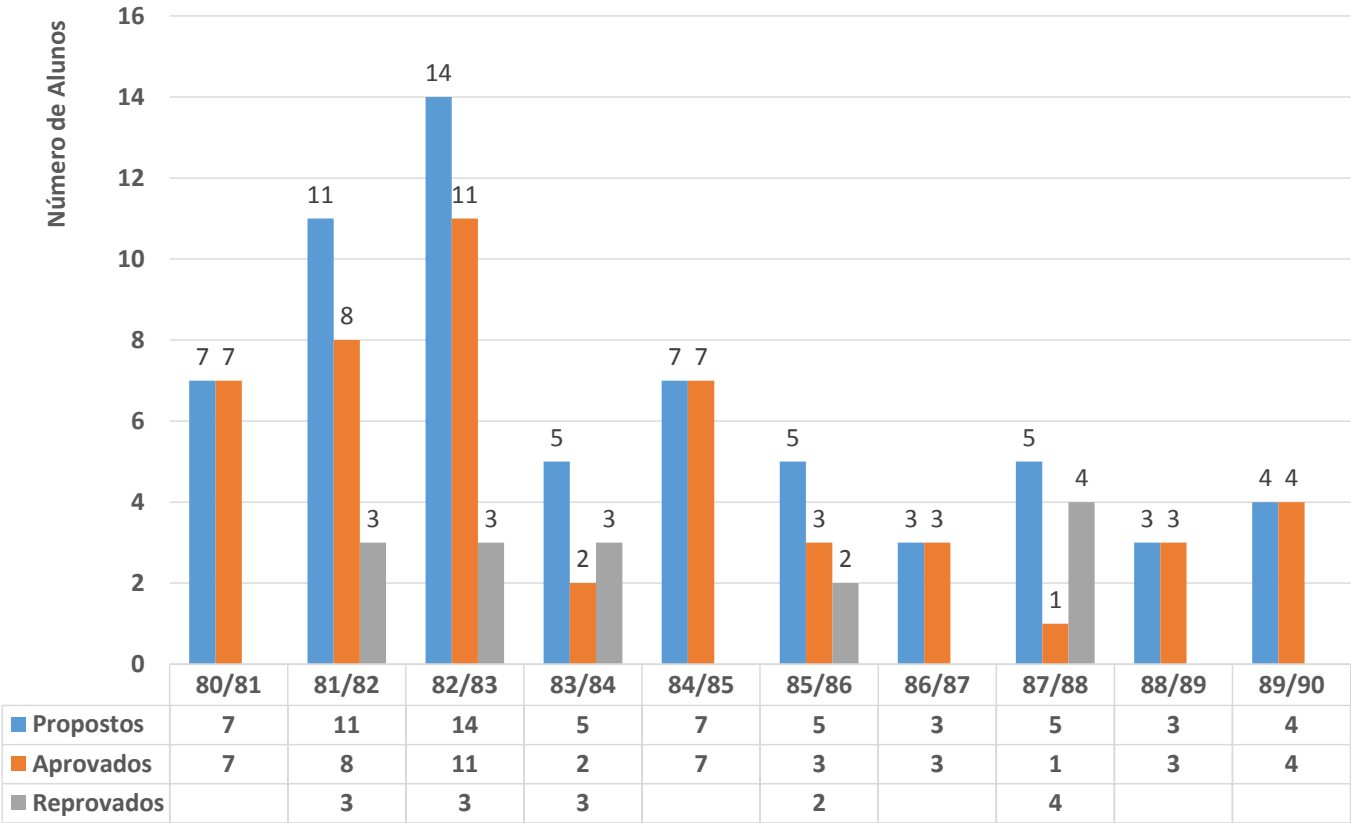


Exames da Primária - Adultos (IVª Classe)

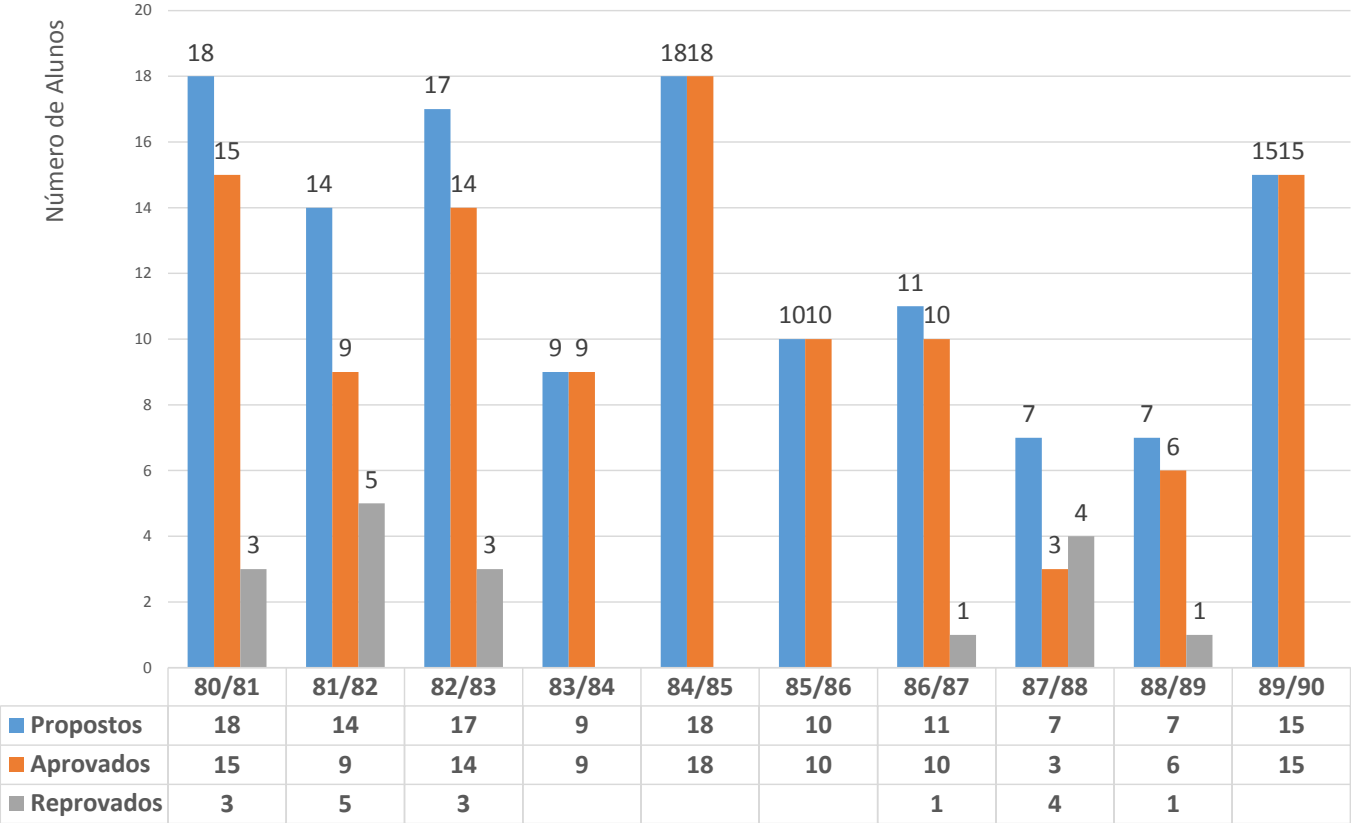


■ Propostos	21	14	13	17	9	8	8	6		8
■ Aprovados	16	9	13	14	9	8	3	6		5
■ Reprovados	5	5		3			5			3

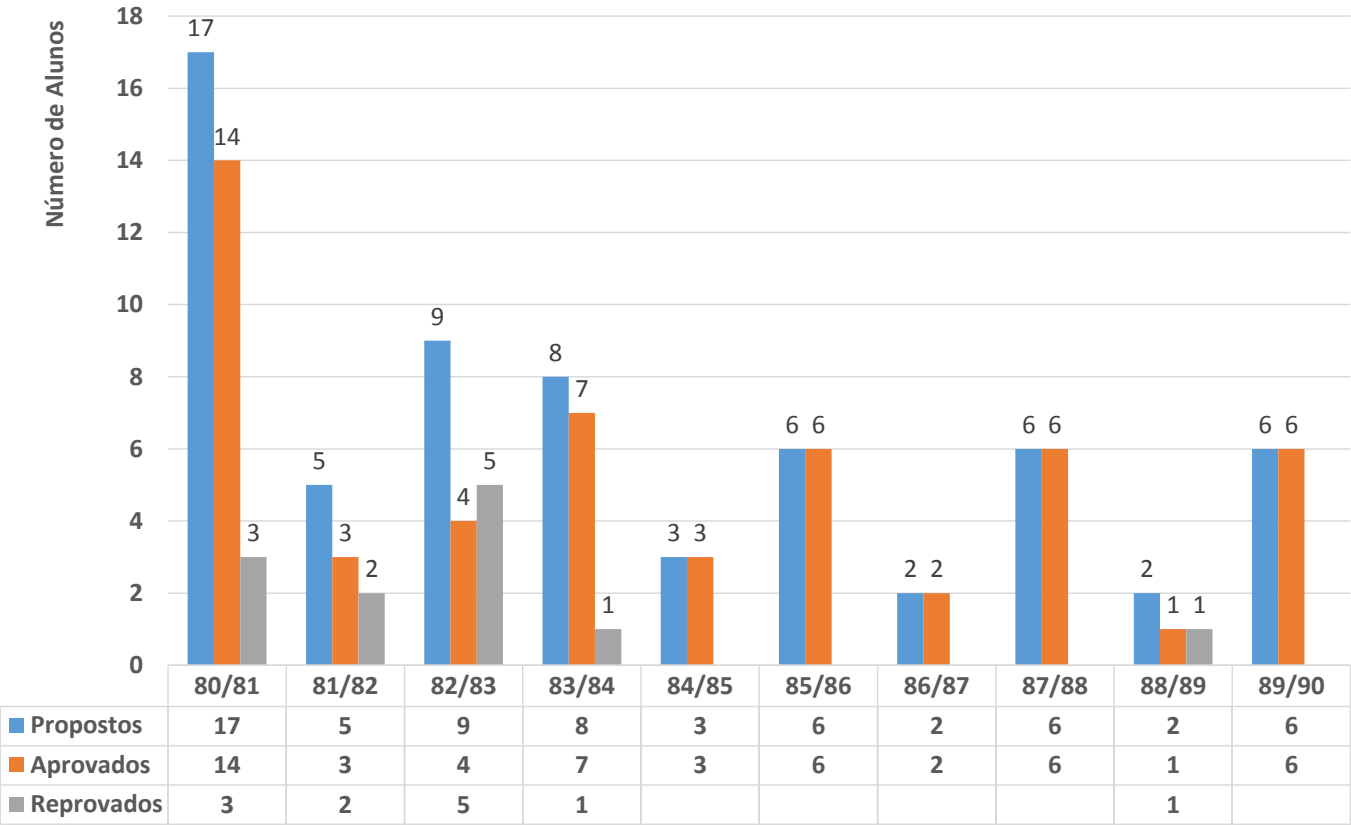
Ciclo Preparatório - Francês



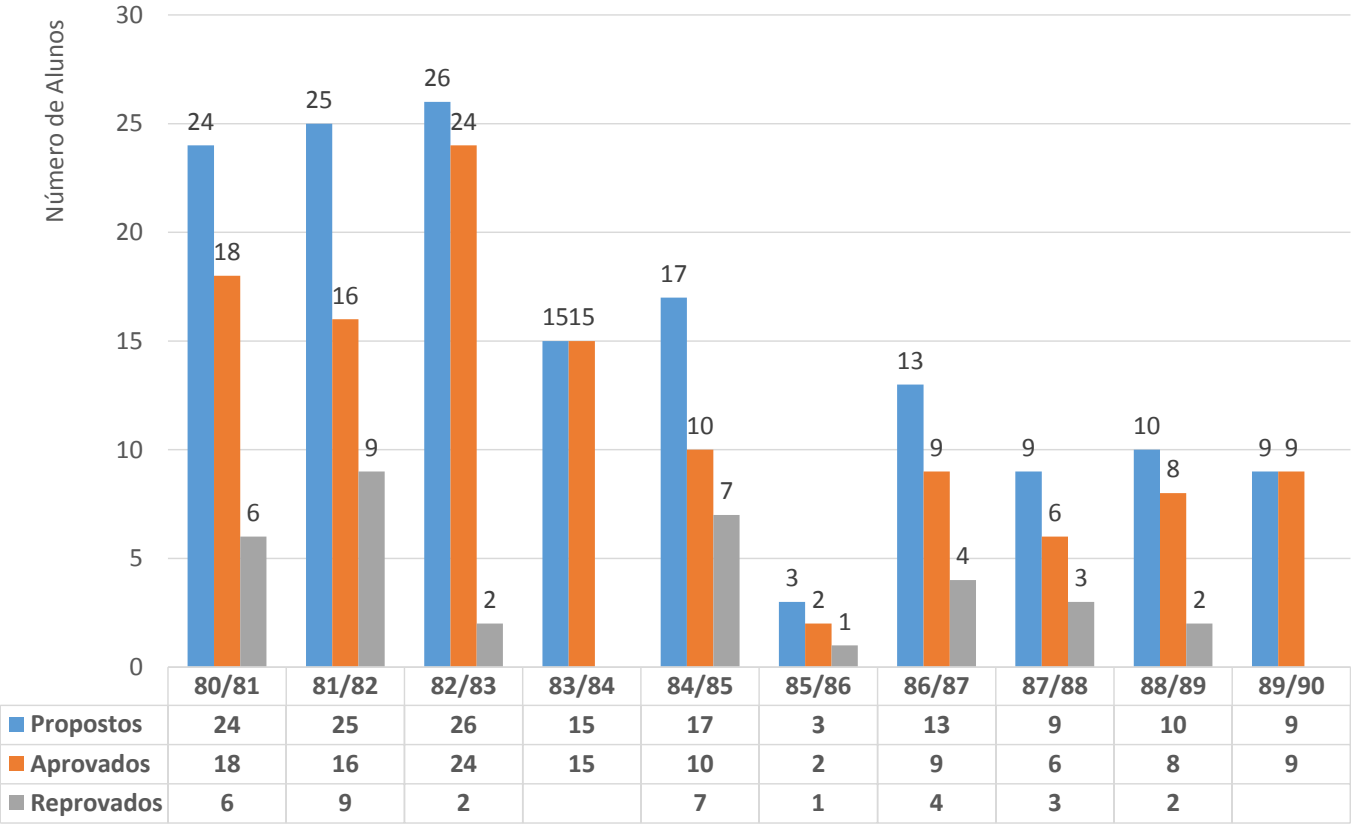
Ciclo Preparatório - Português



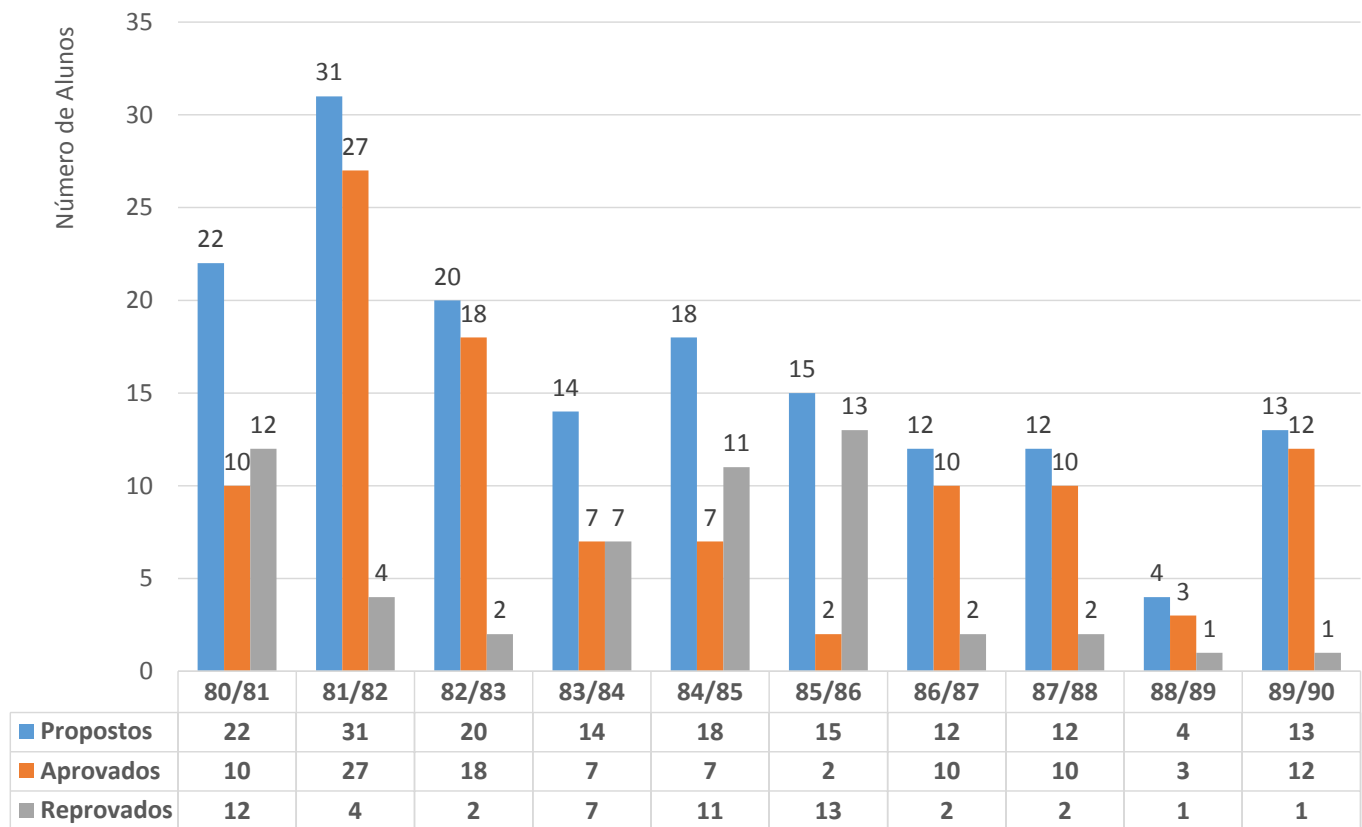
Ciclo Preparatório - Inglês



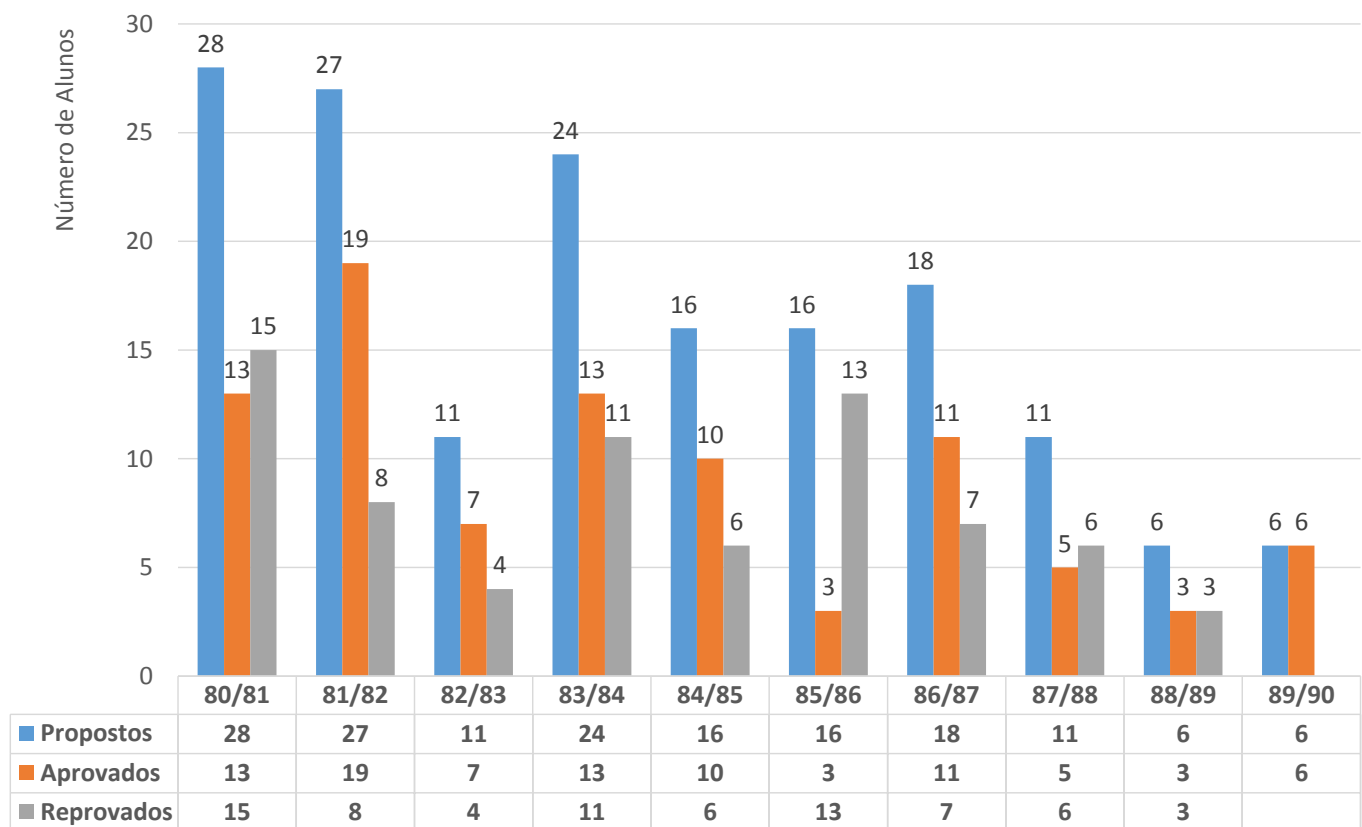
Ciclo Preparatório - Estudos Sociais



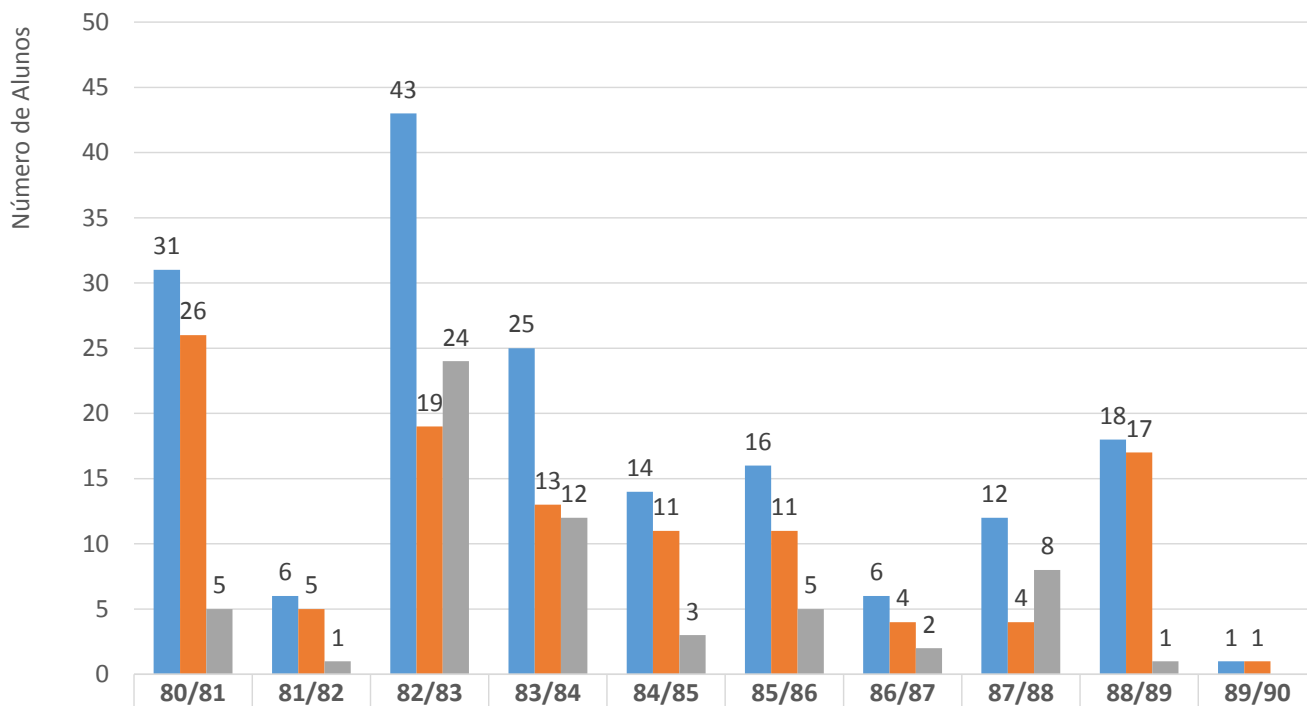
Ciclo Preparatório - Ciências da Natureza



Ciclo Preparatório - Matemática

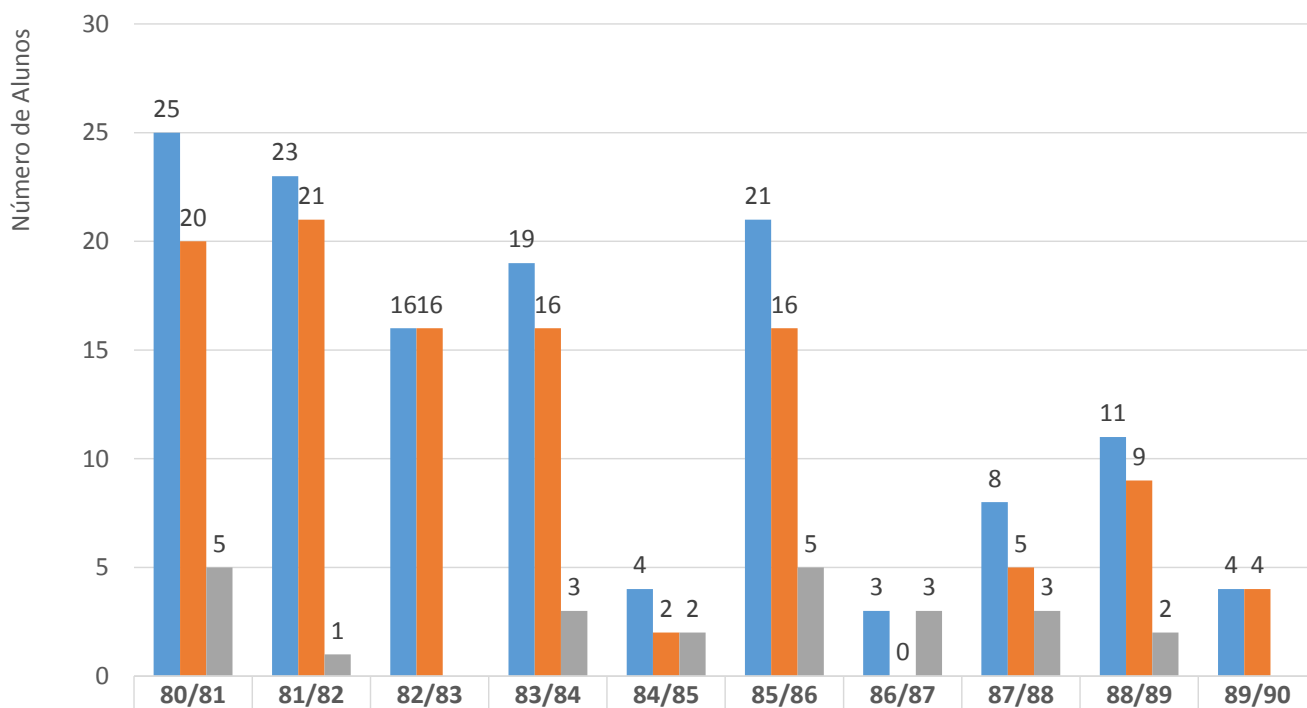


Curso Geral - DESENHO



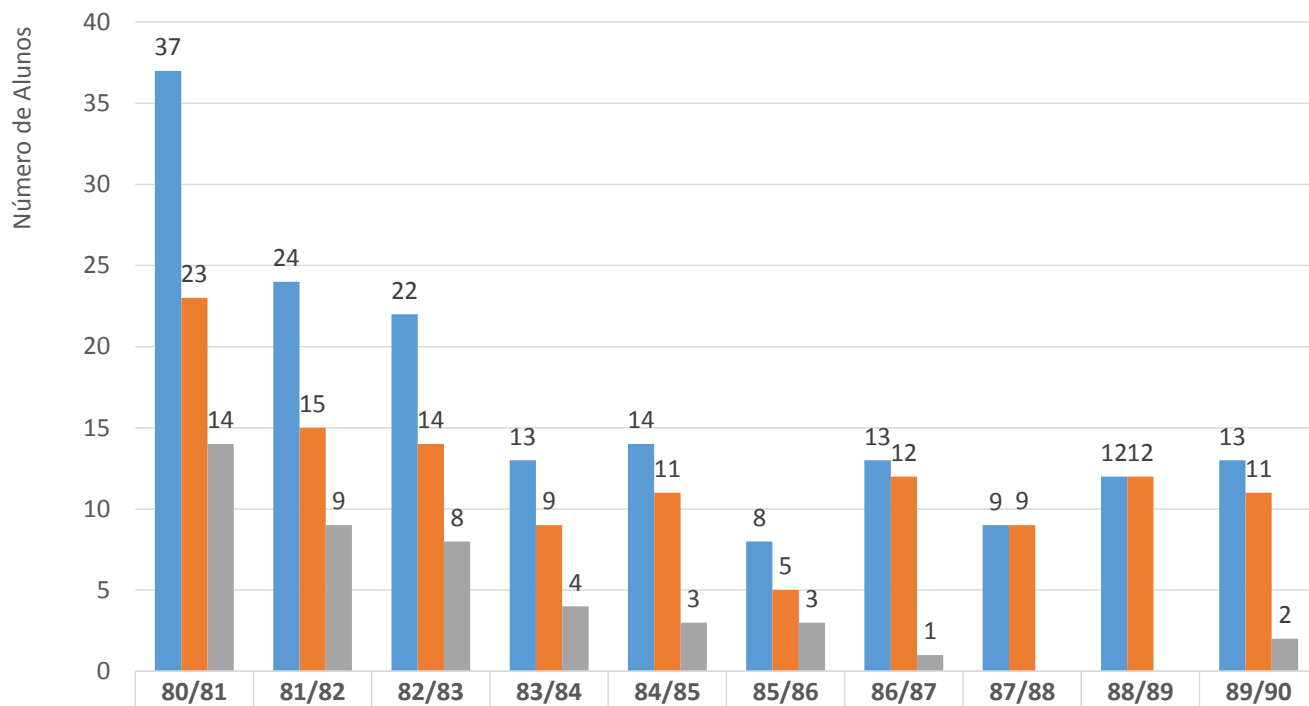
Propostos	31	6	43	25	14	16	6	12	18	1
Aprovados	26	5	19	13	11	11	4	4	17	1
Reprovados	5	1	24	12	3	5	2	8	1	

Ciclo Preparatório - Desenho



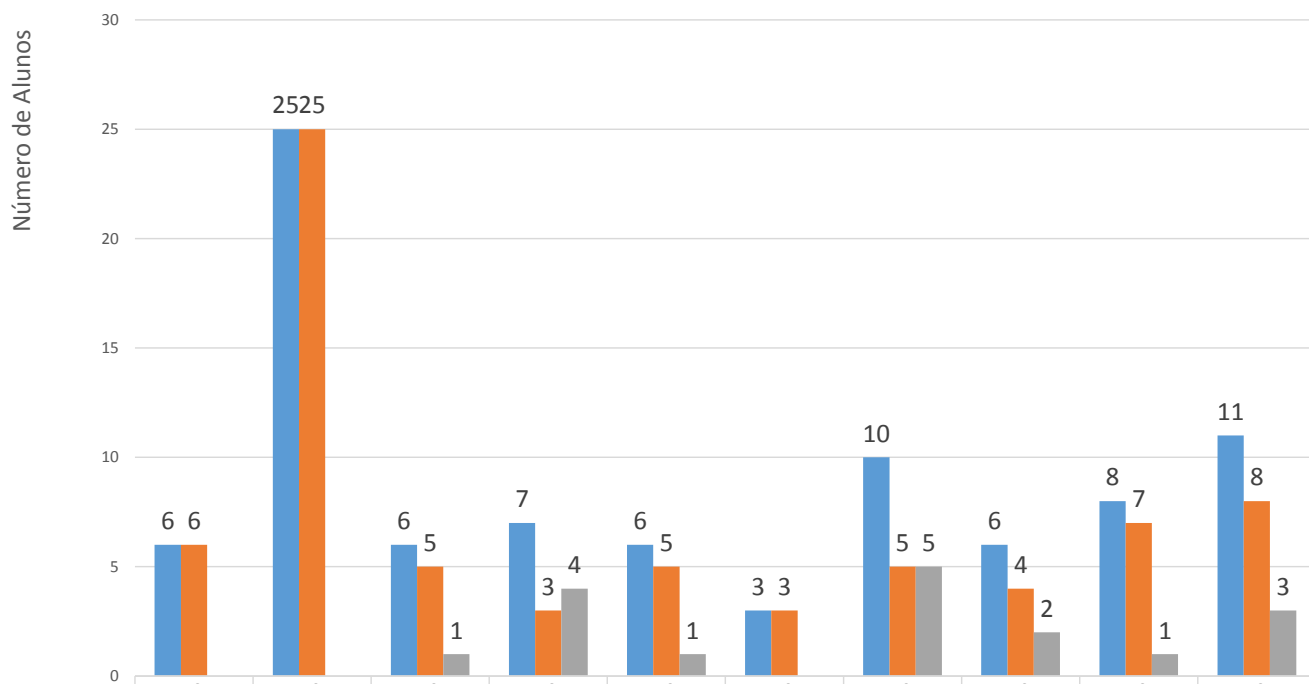
Propostos	25	23	16	19	4	21	3	8	11	4
Aprovados	20	21	16	16	2	16	0	5	9	4
Reprovados	5	1		3	2	5	3	3	2	

Curso Geral - Português



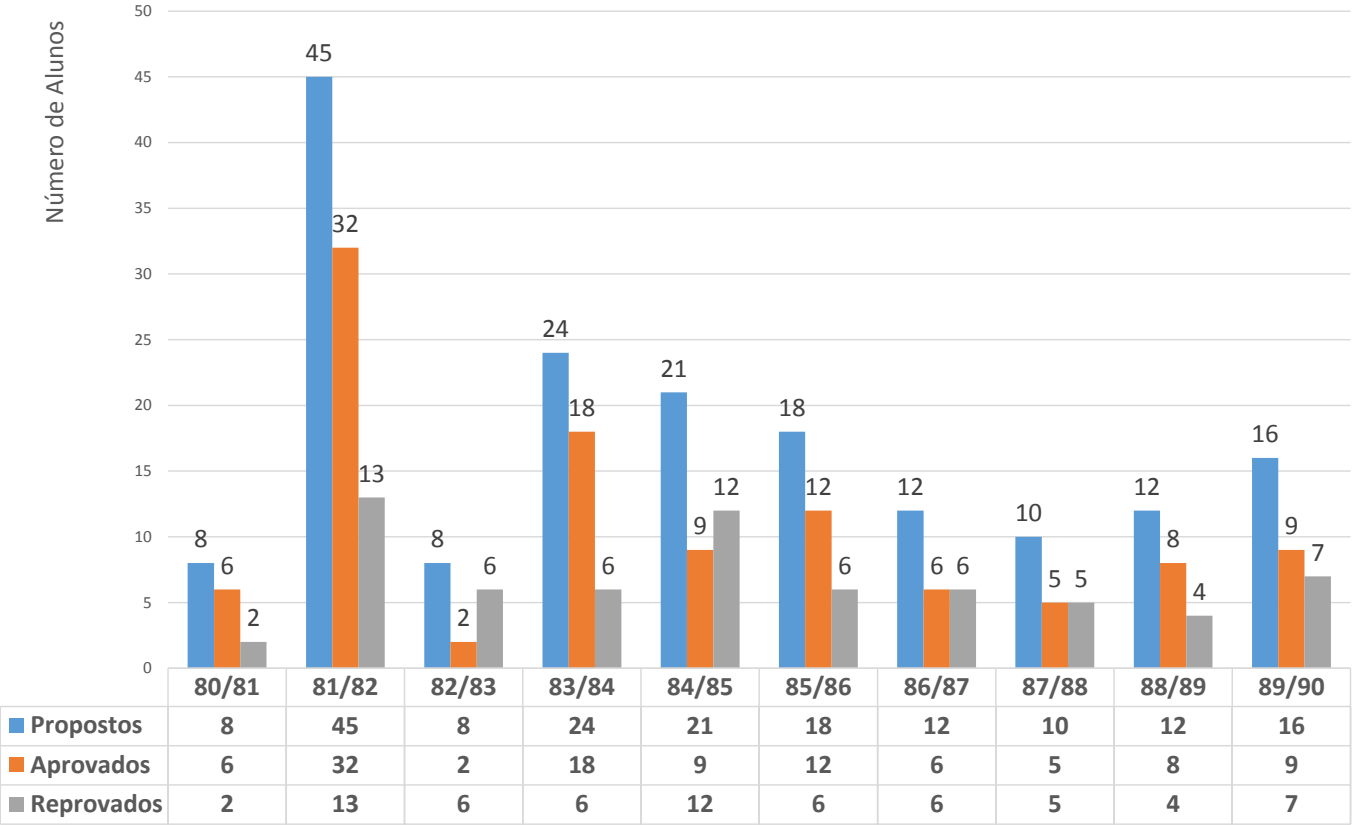
Propostos	37	24	22	13	14	8	13	9	12	13
Aprovados	23	15	14	9	11	5	12	9	12	11
Reprovados	14	9	8	4	3	3	1			2

Curso Geral - Francês

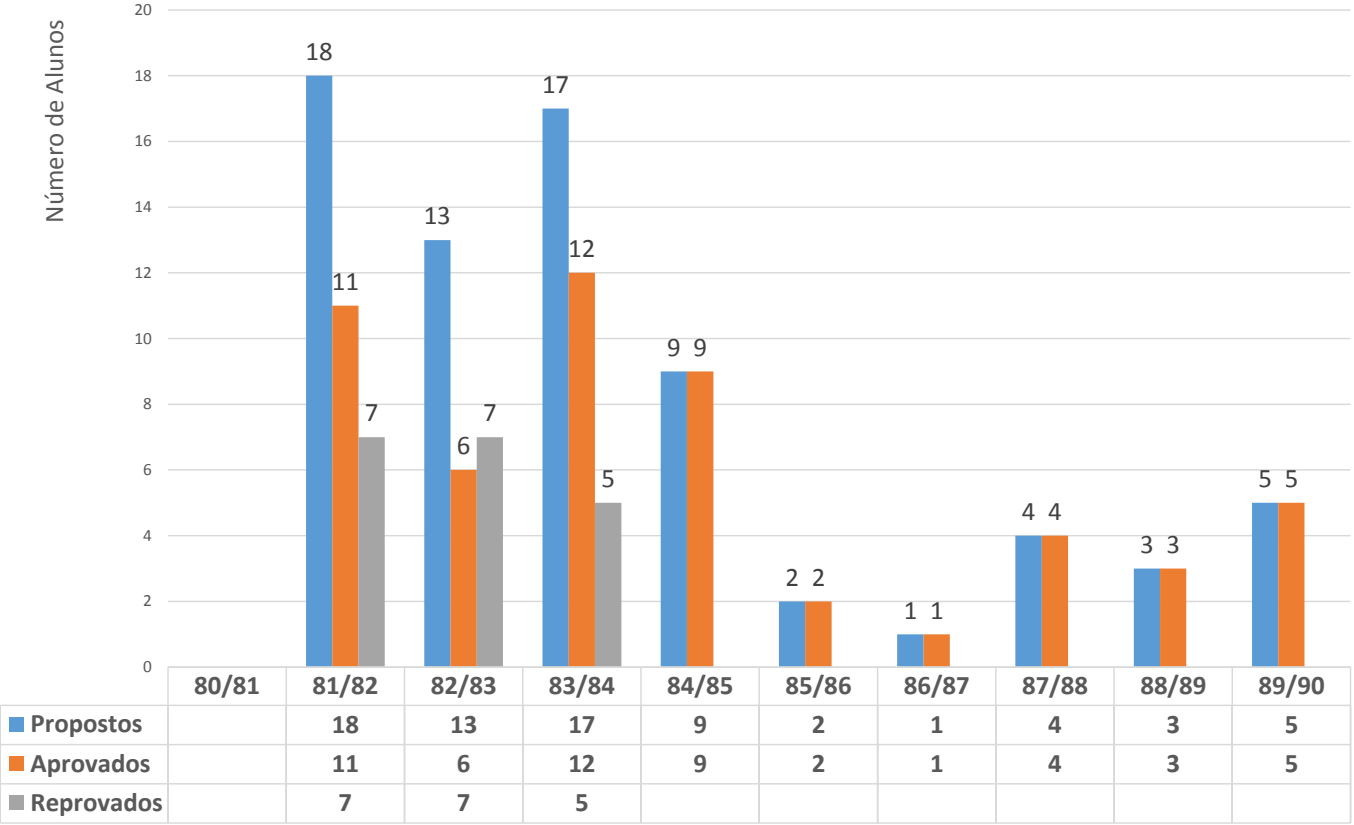


Propostos	6	25	6	7	6	3	10	6	8	11
Aprovados	6	25	5	3	5	3	5	4	7	8
Reprovados			1	4	1		5	2	1	3

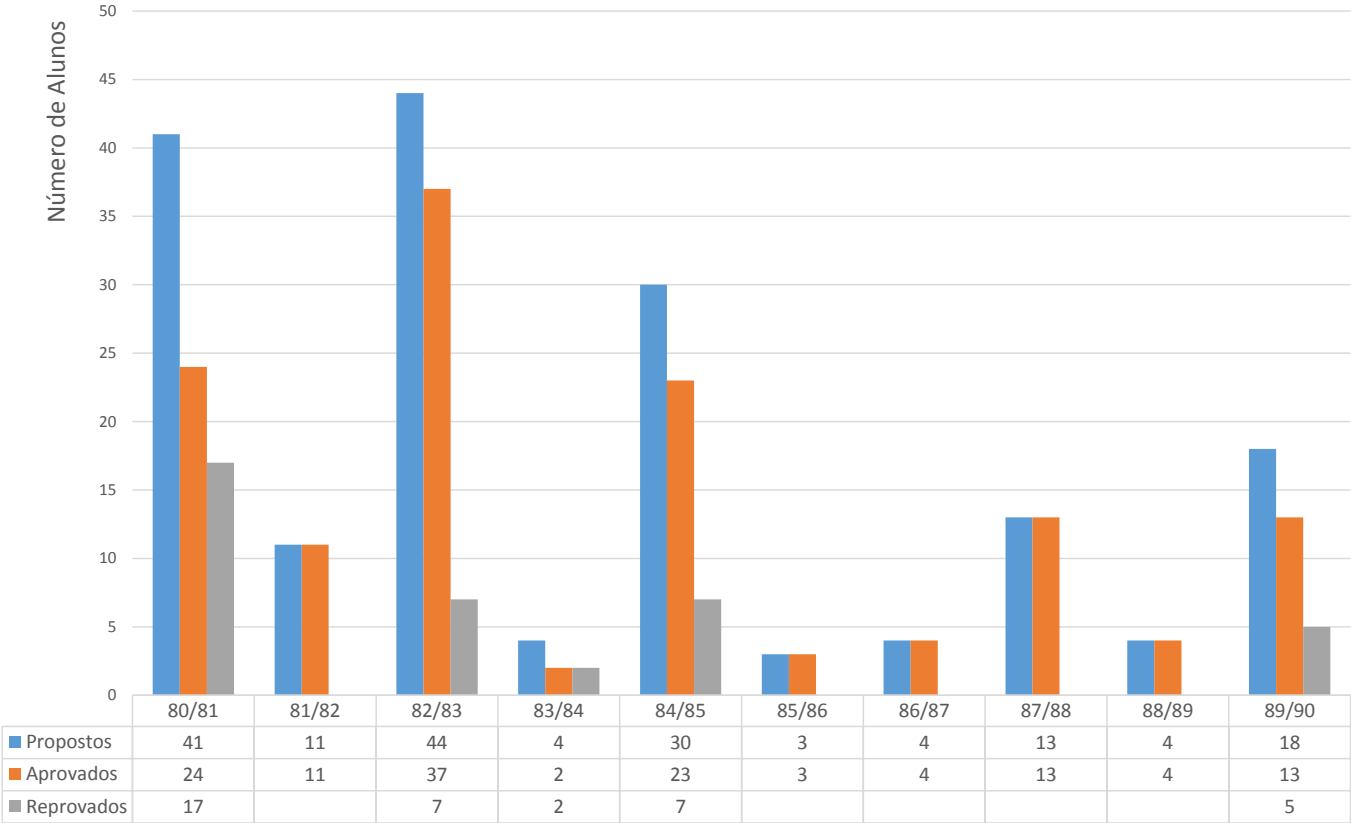
Curso Geral - História



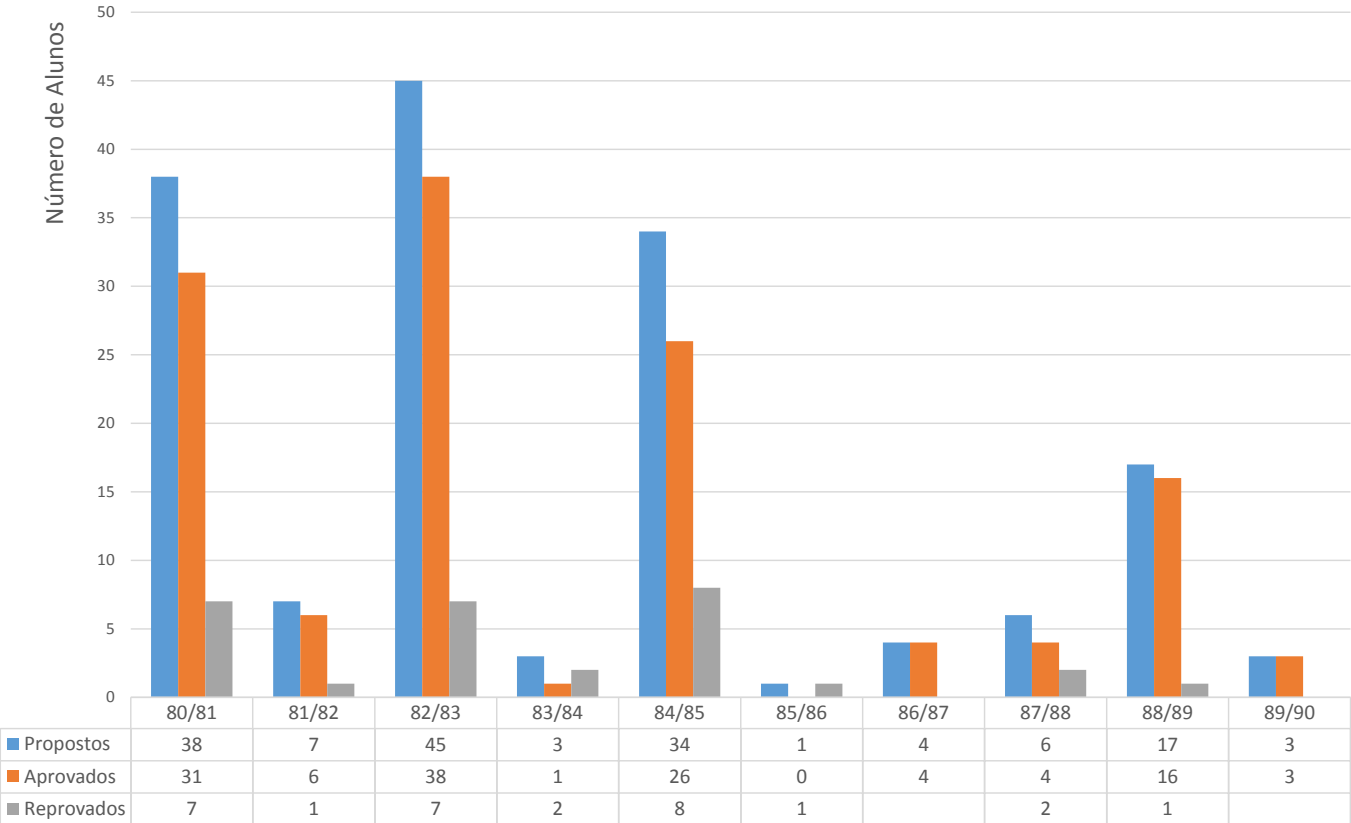
Curso Geral - Inglês



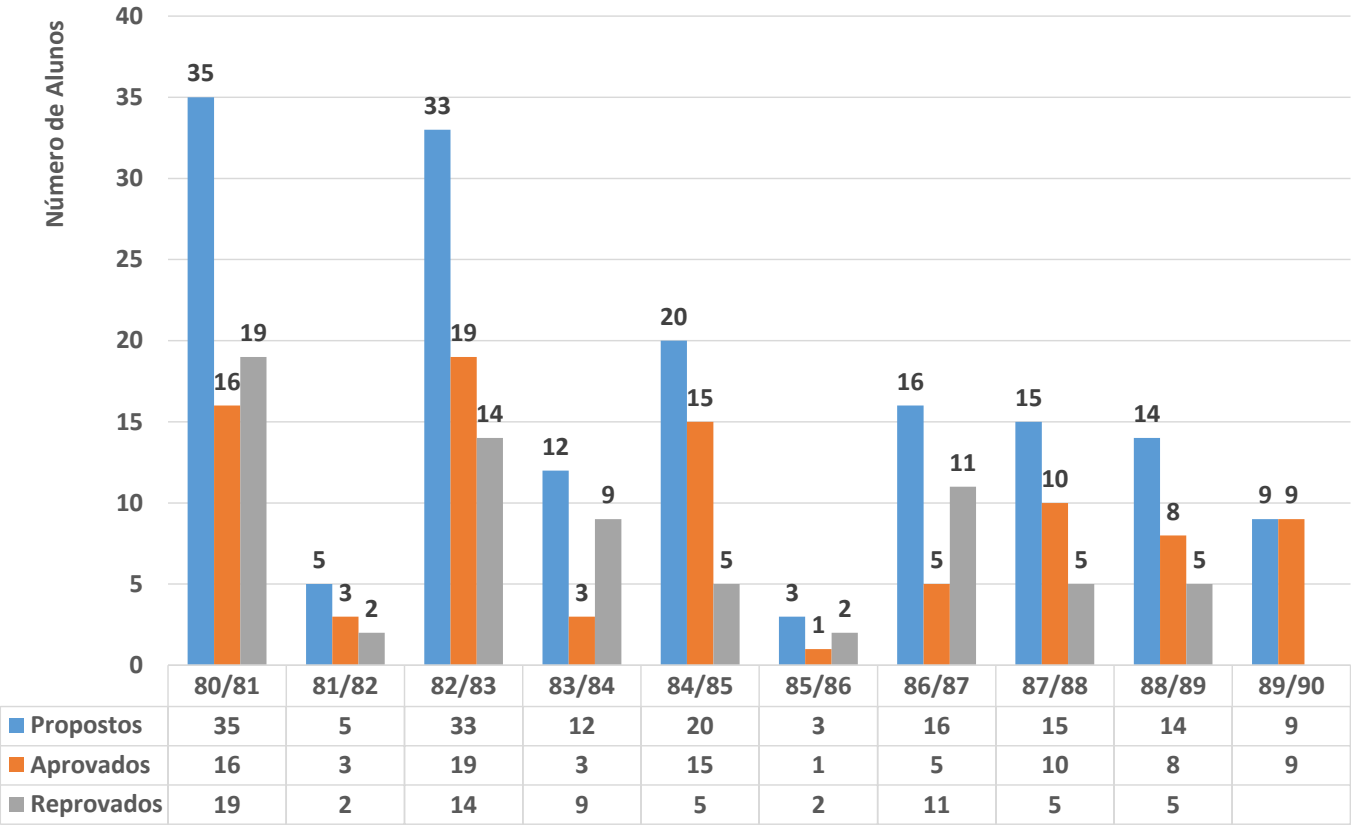
Curso Geral - Introdução à Economia



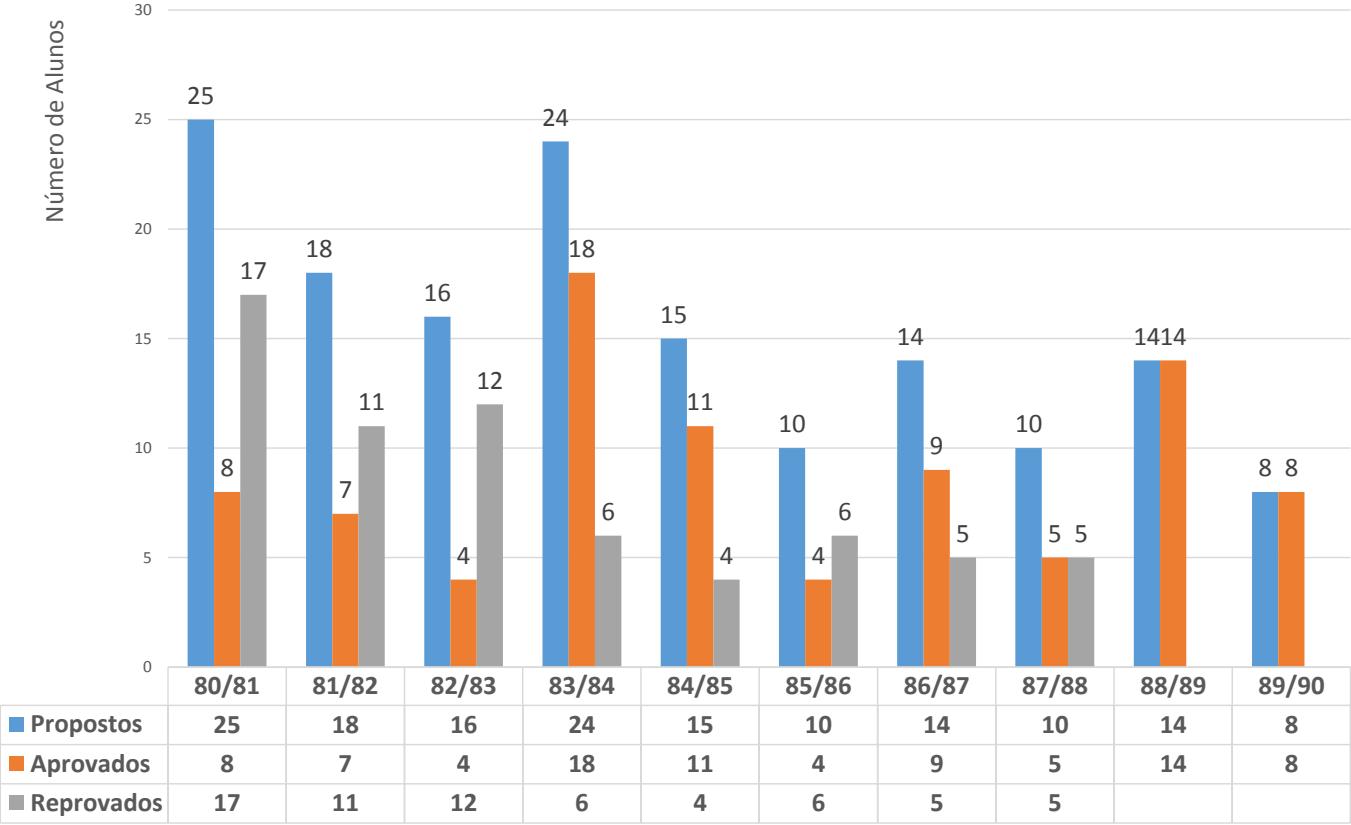
Curso Geral - Ciências do Ambiente



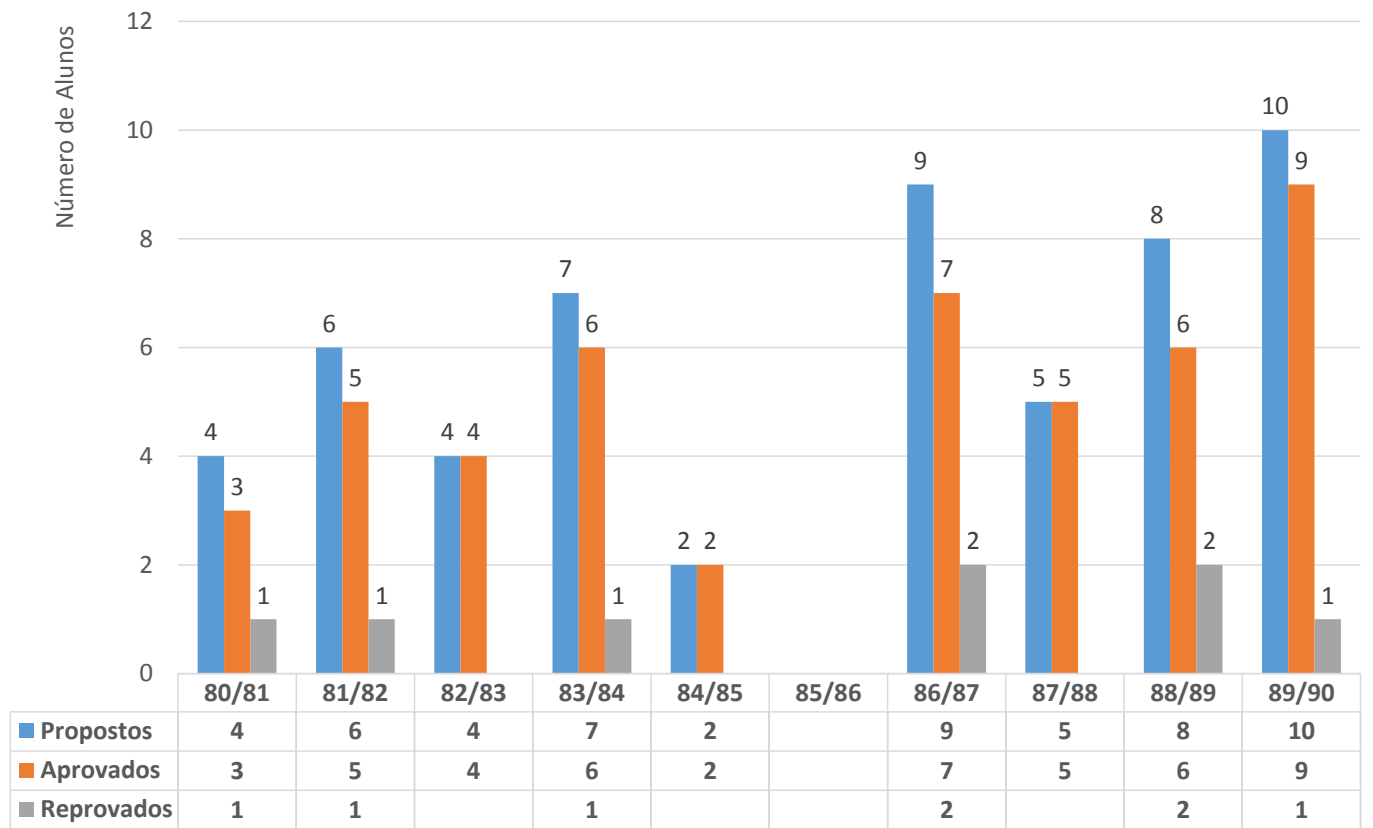
Curso Geral - Físico-Química



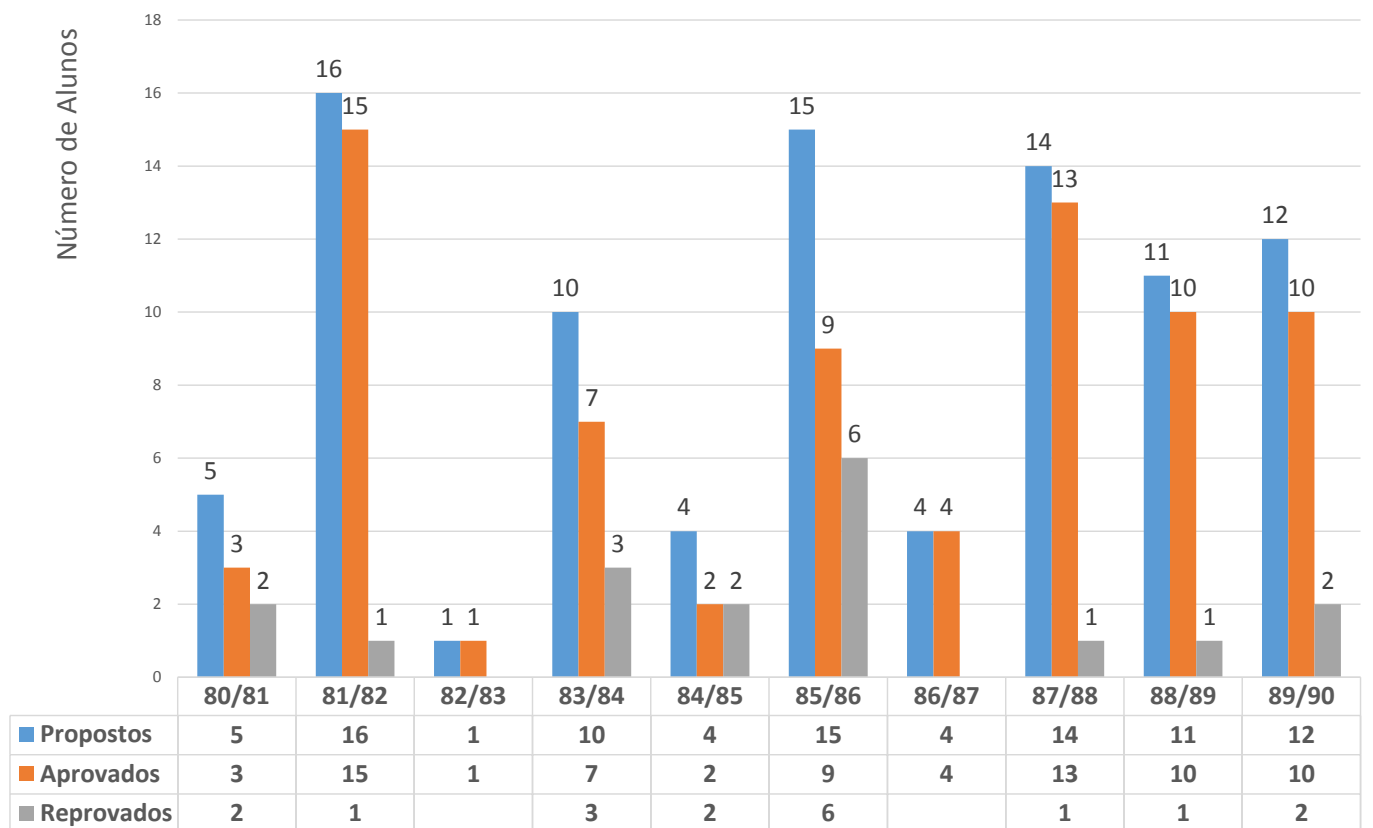
Curso Geral - Matemática



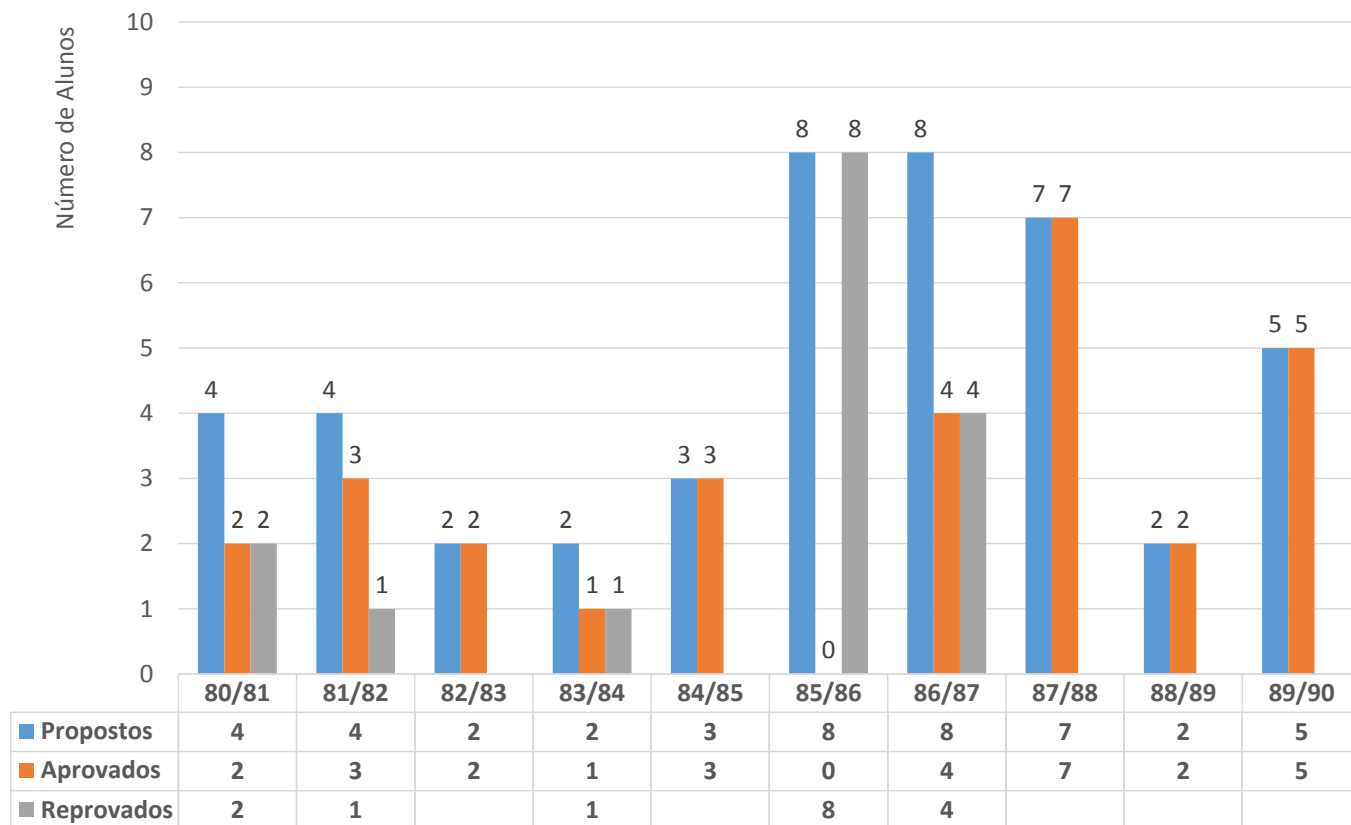
Curso Complementar - Francês



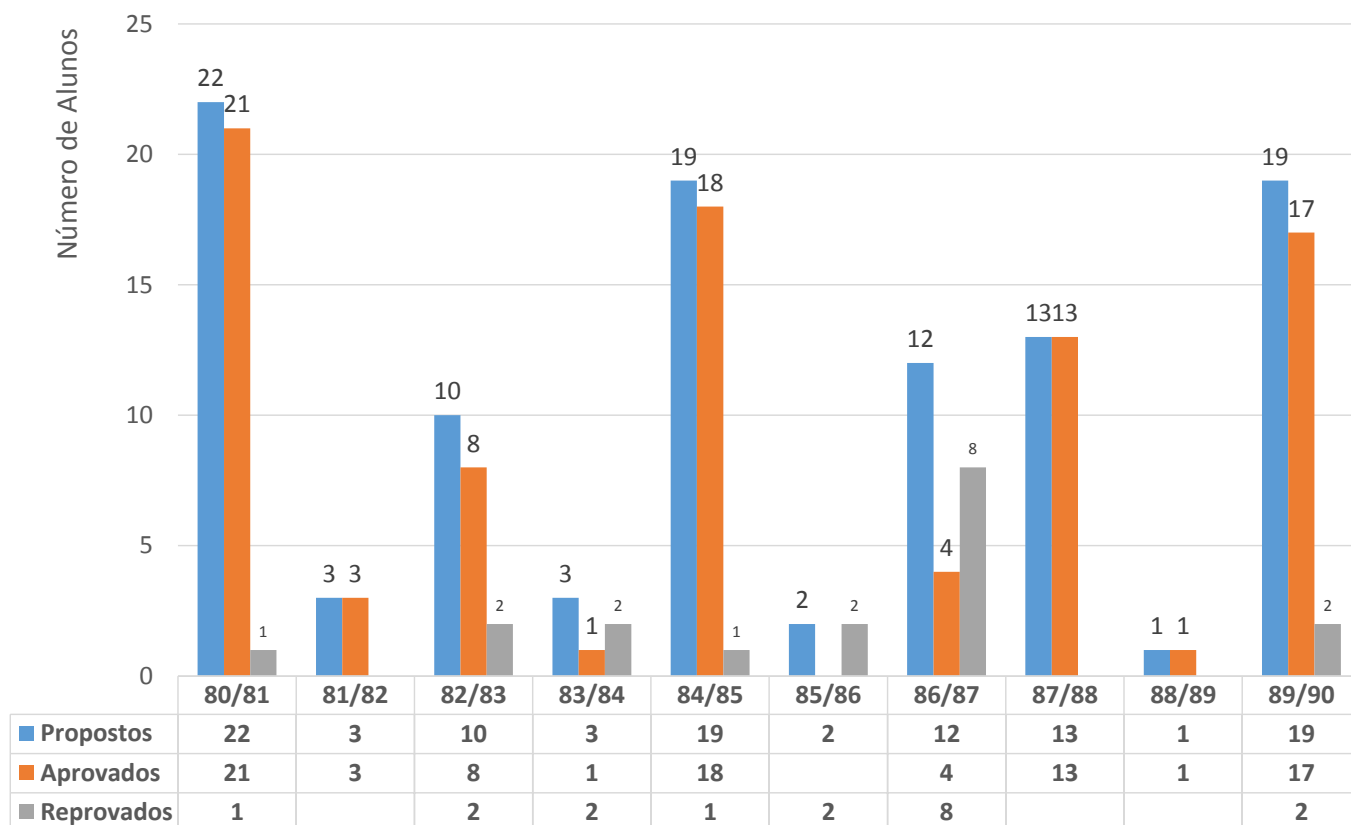
Curso Complementar - Literatura Portuguesa



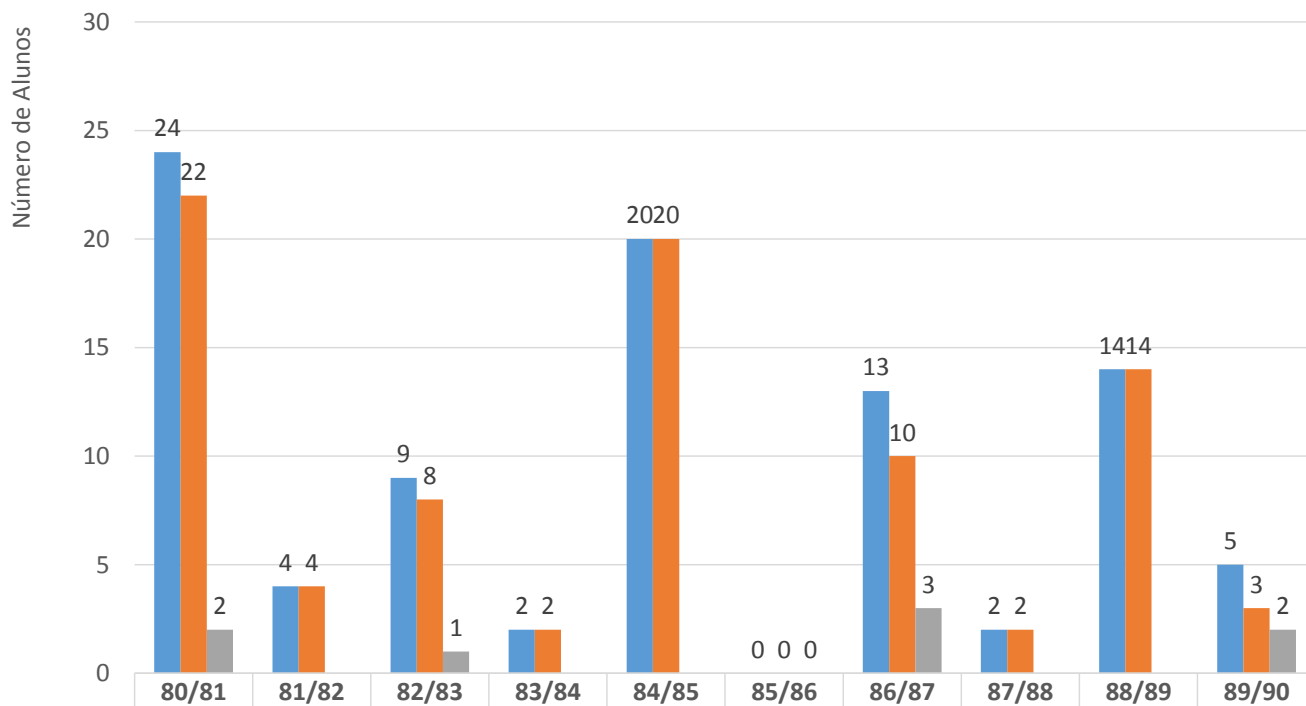
Curso Complementar - Inglês



Curso Complementar - História

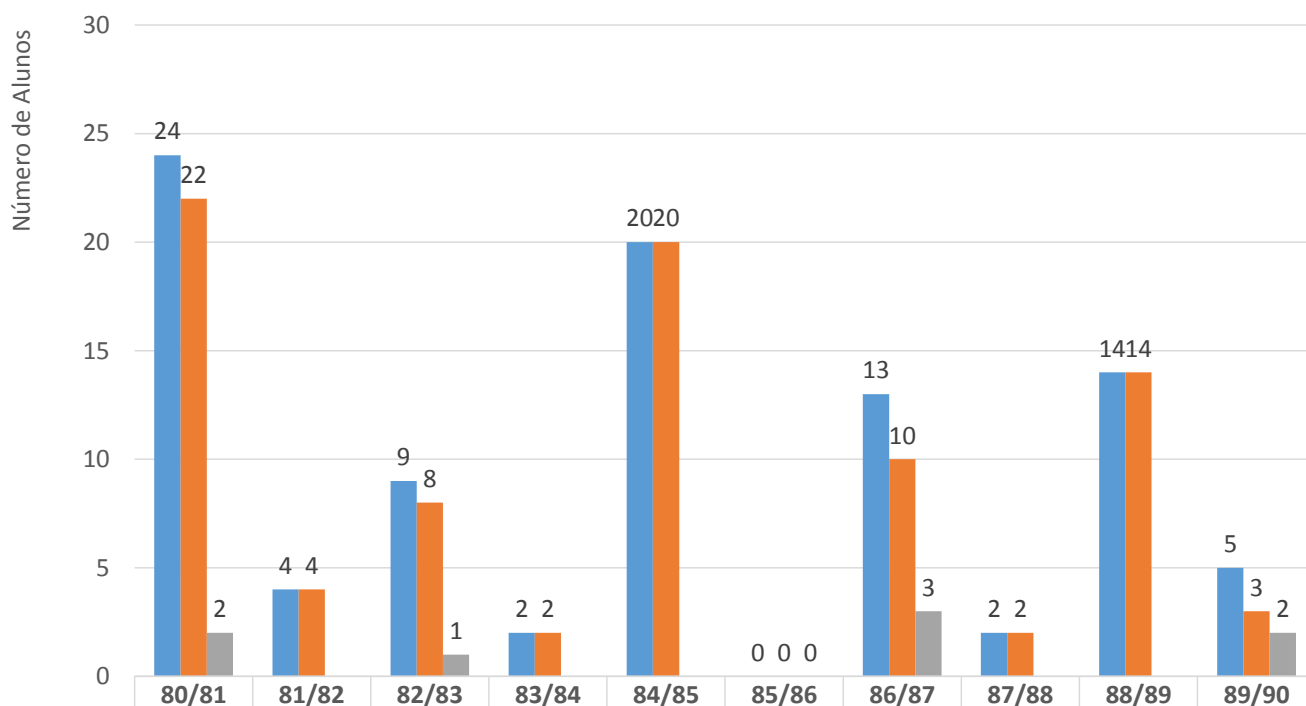


Curso Complementar - Filosofia/Psicologia



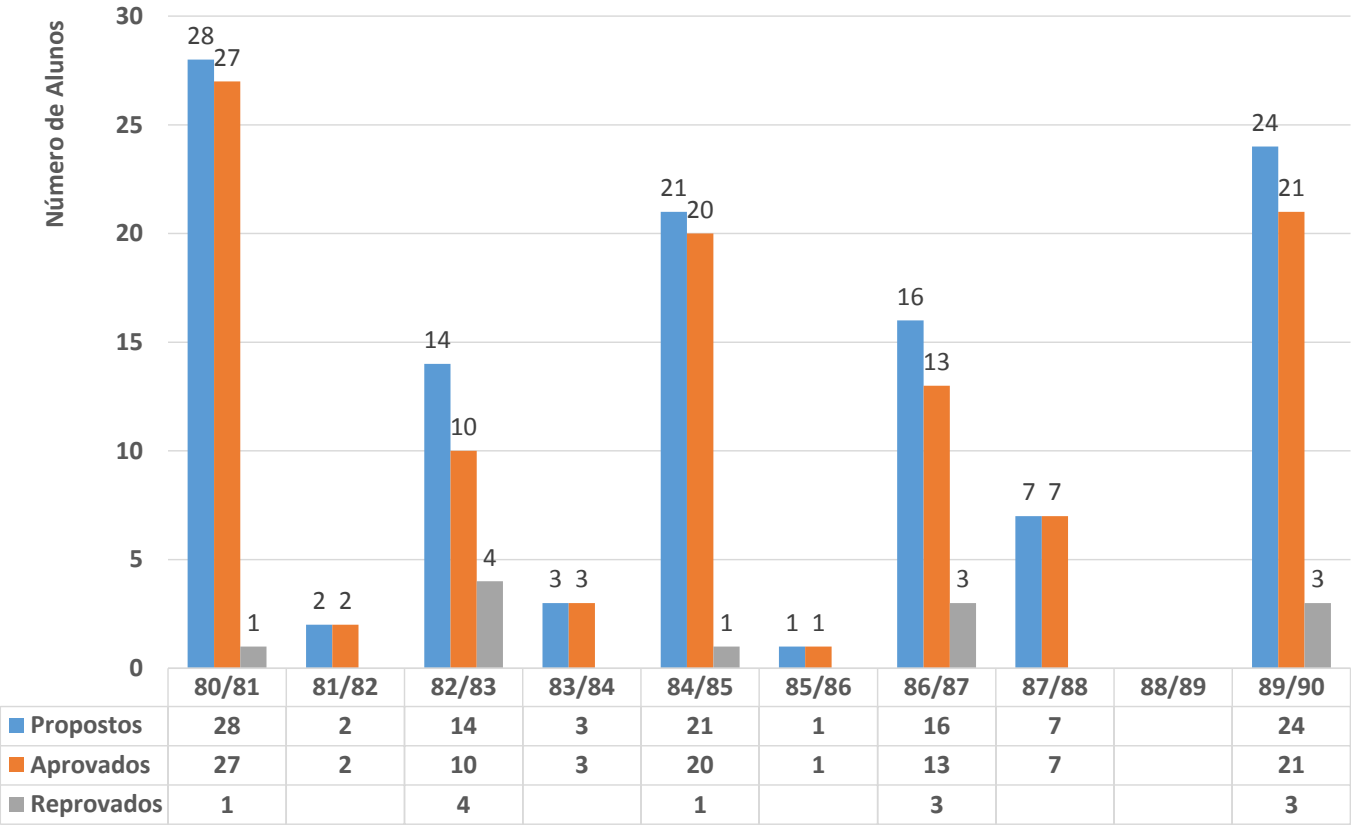
Propostos	24	4	9	2	20	0	13	2	14	5
Aprovados	22	4	8	2	20	0	10	2	14	3
Reprovados	2		1			0	3			2

Curso Complementar - Introdução à Política

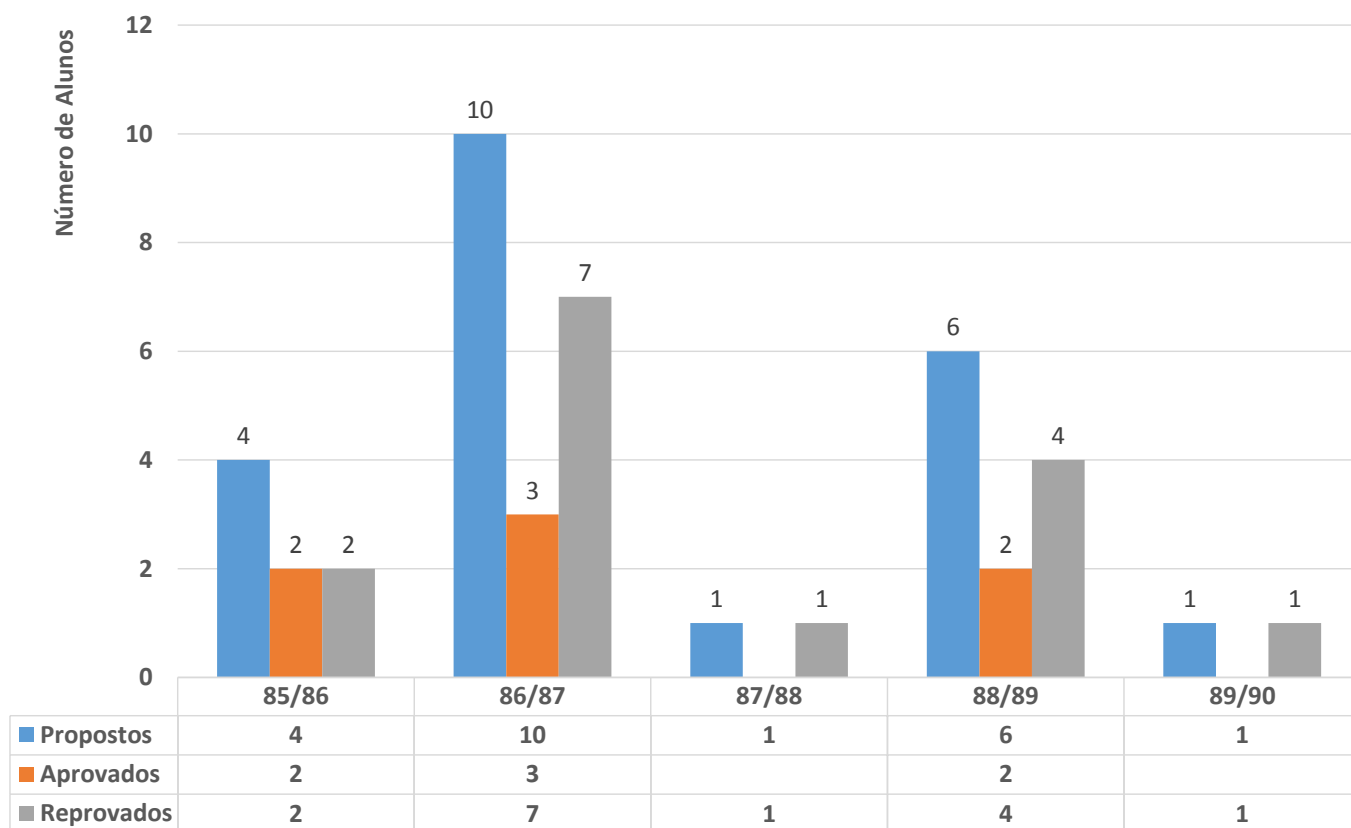


Propostos	24	4	9	2	20	0	13	2	14	5
Aprovados	22	4	8	2	20	0	10	2	14	3
Reprovados	2		1			0	3			2

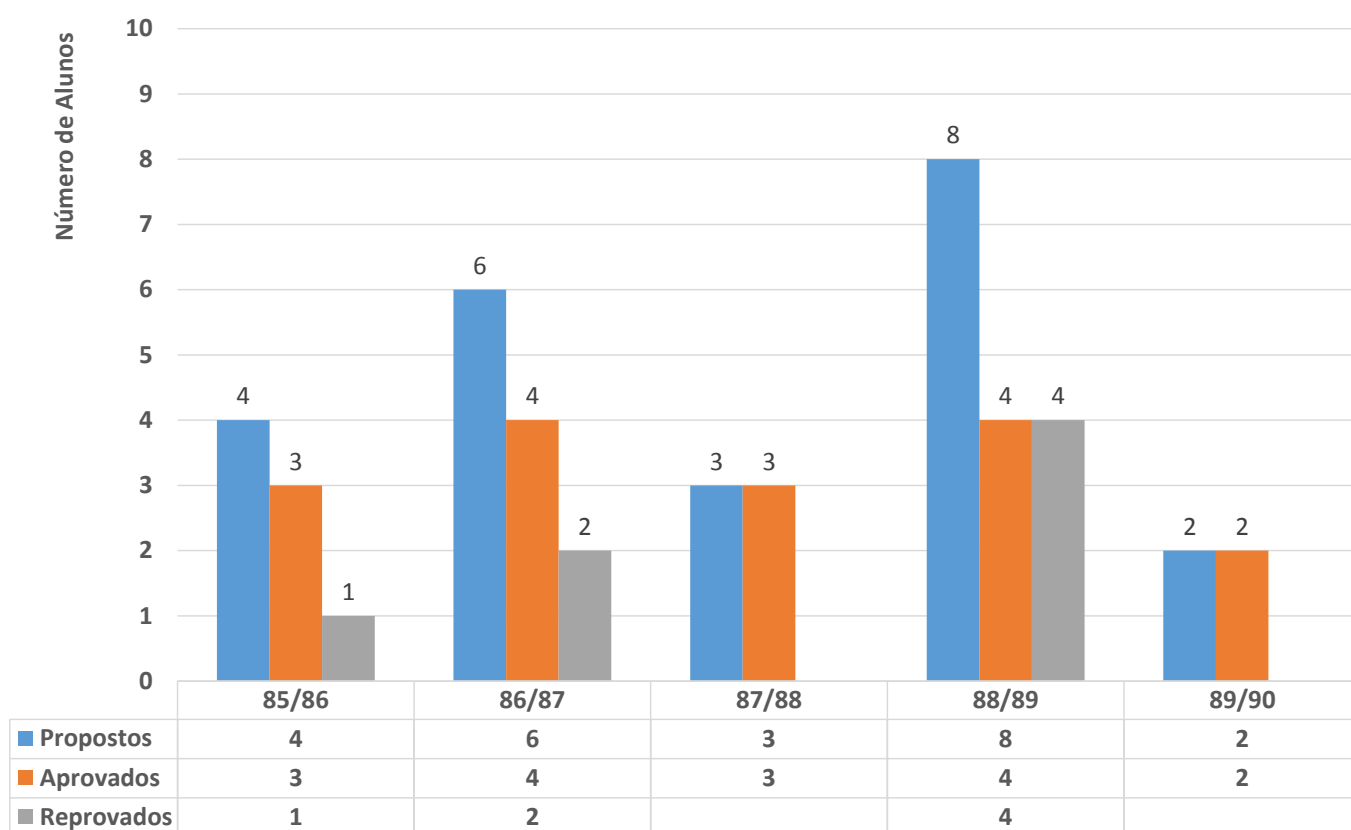
Curso Complementar - Italiano



12.º Ano de Escolaridade - Literatura Portuguesa

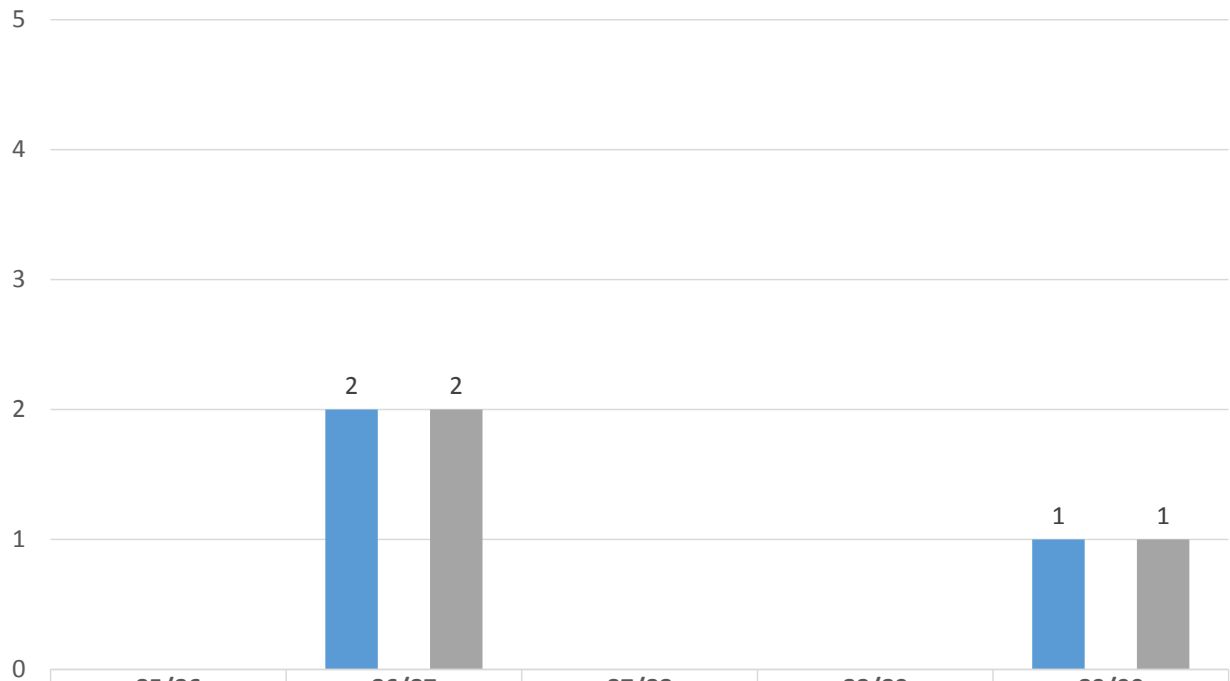


12.º Ano de Escolaridade - Francês



12.º Ano de Escolaridade - Inglês

Número de Alunos

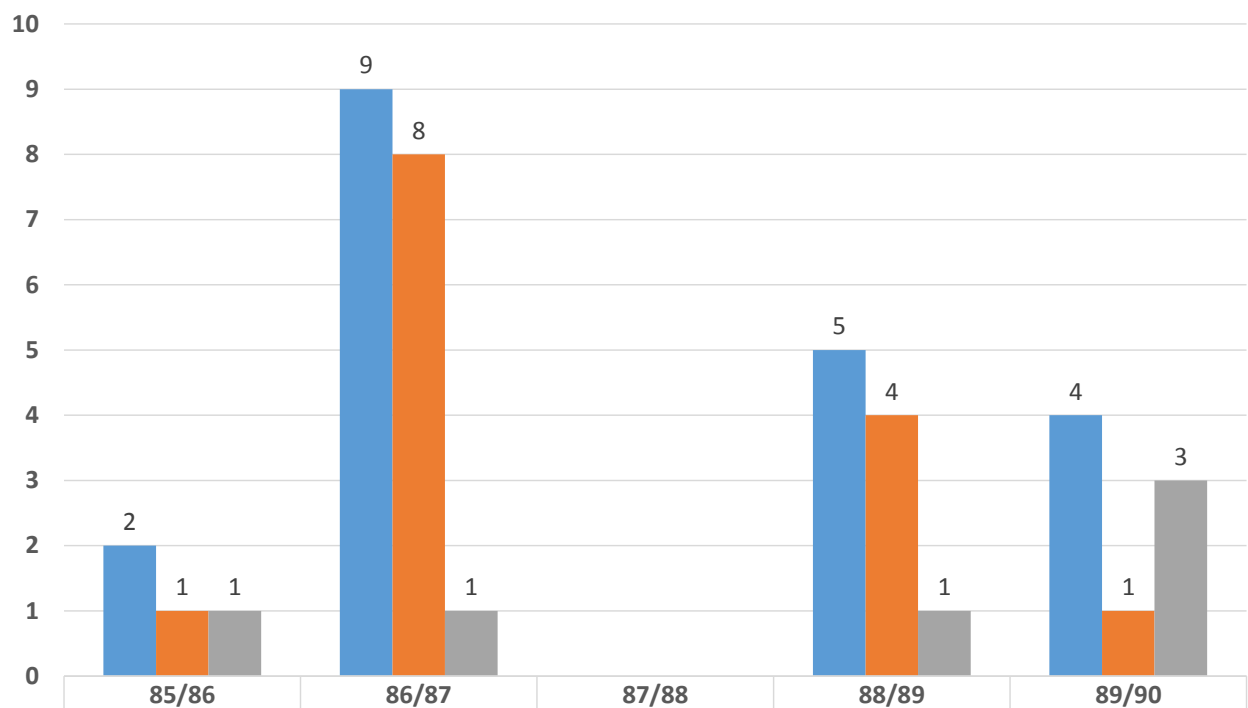


■ Propostos
■ Aprovados
■ Reprovados

	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90
Propostos		2			1
Aprovados					
Reprovados		2			1

12.º Ano de Escolaridade - Literatura Italiana

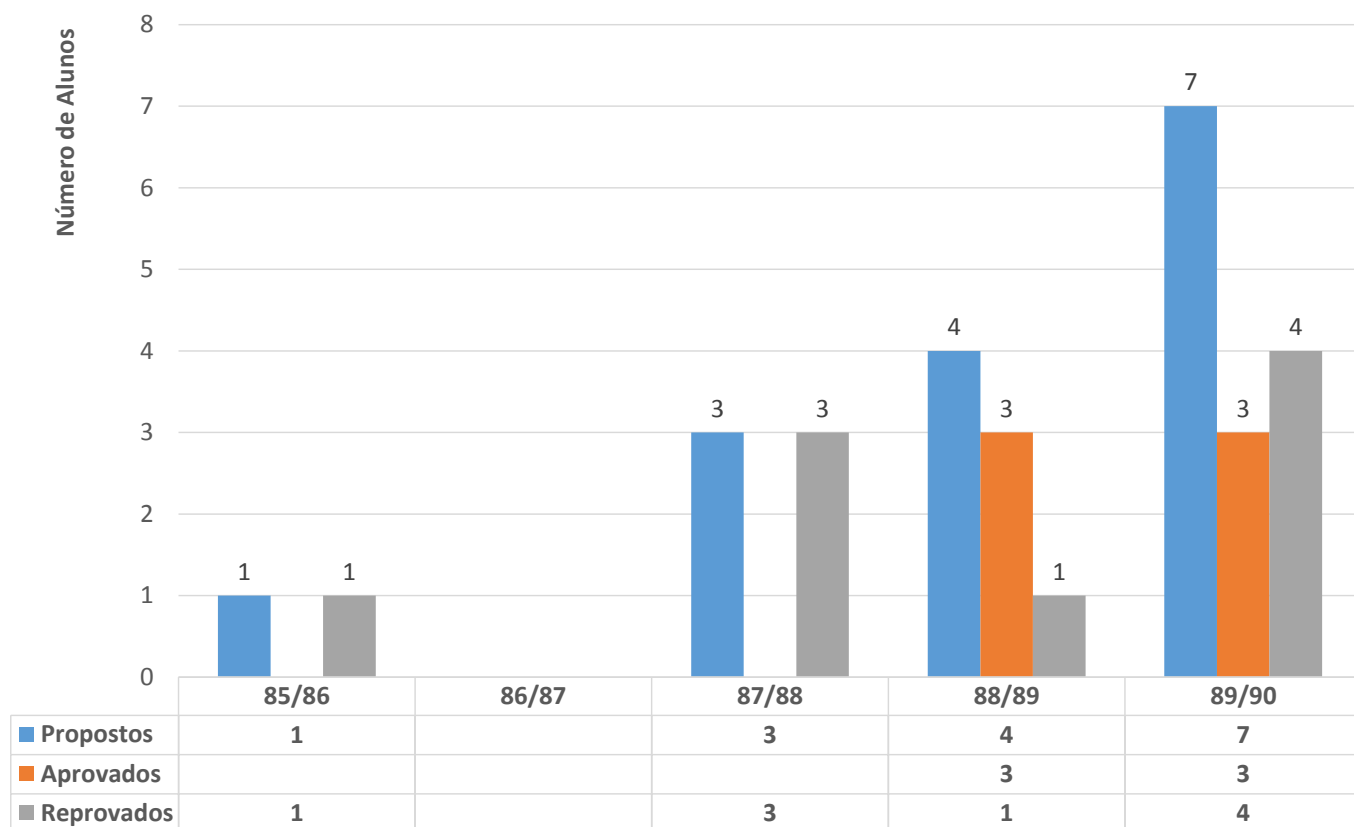
Número de Alunos



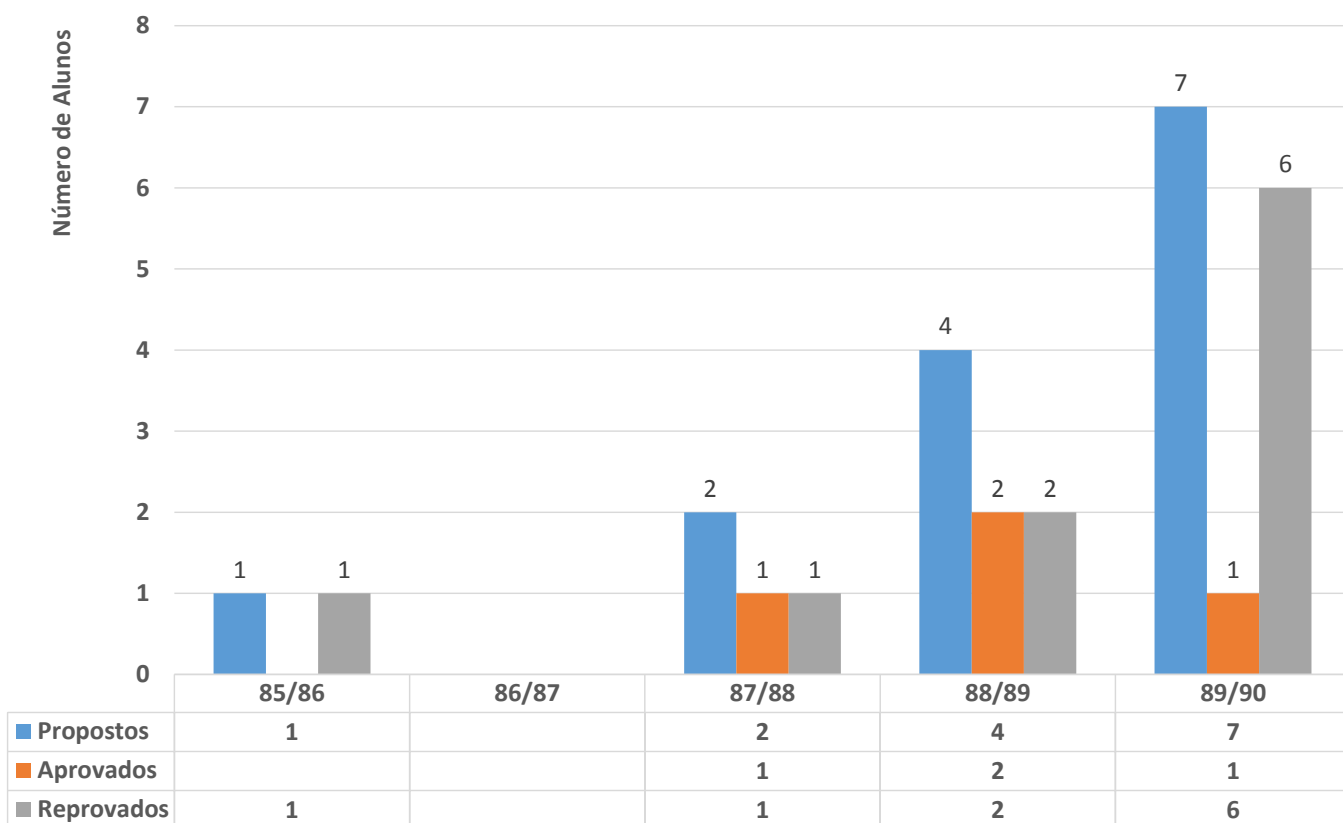
■ Propostos
■ Aprovados
■ Reprovados

	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90
Propostos	2	9		5	4
Aprovados	1	8		4	1
Reprovados	1	1		1	3

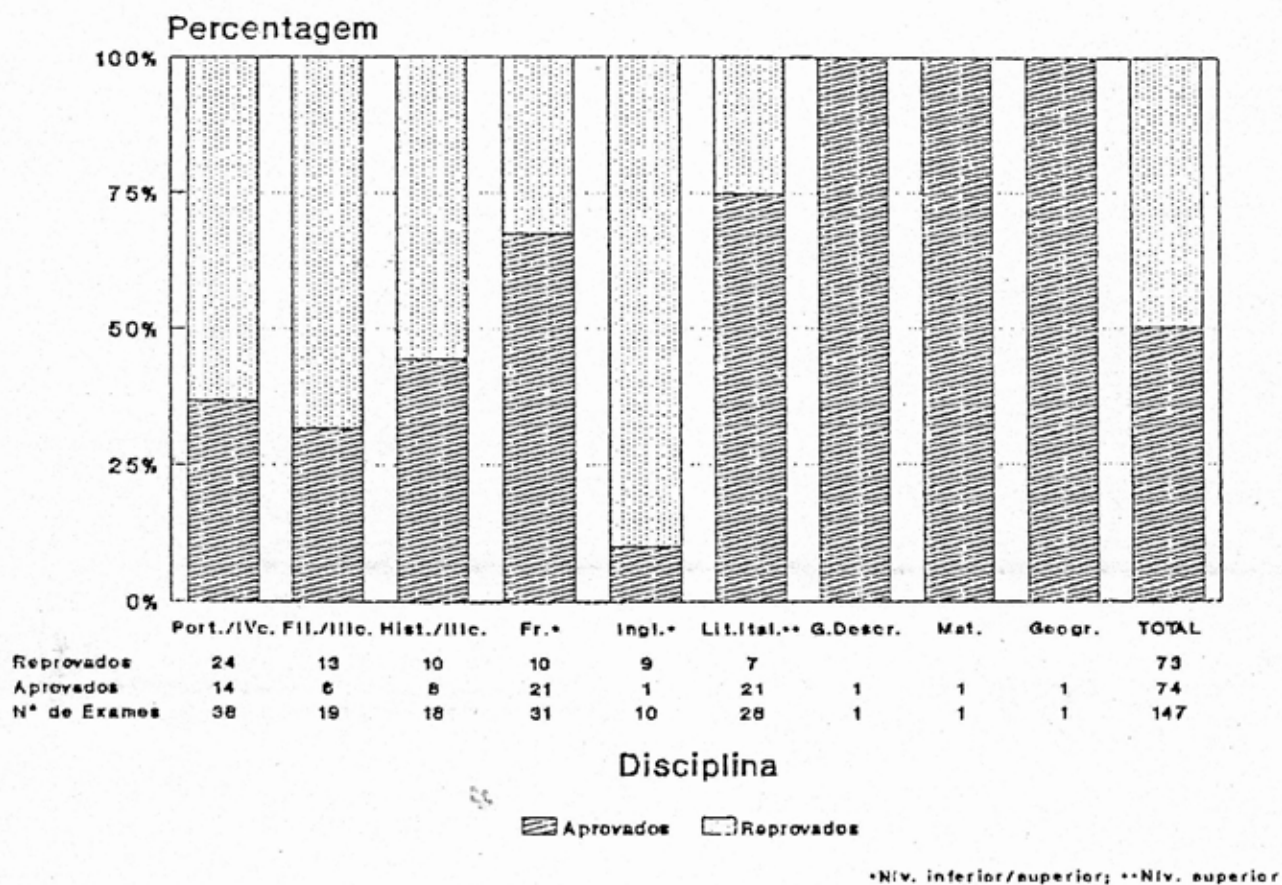
12.º Ano de Escolaridade - História



12.º Ano de Escolaridade - Filosofia



Exames do 12º Ano 1985 - 1990



Número de alunos examinados:	48
% Reprovações (73x100/147):	49,6%
Até ao ano anterior:	46,4%
% Aprovações (74x100/147):	50,4%
Até ao ano anterior:	53,6%
Alunos que concluíram o 12º na E.P.E.R:	14
Classificação média obtida:	13/20 (treze valores)

Dos dados estatísticos precedentemente apresentados podem-se tirar algumas conclusões evidentes:

-que o "boom" dos alunos deu-se nos primeiros anos da década de 80;

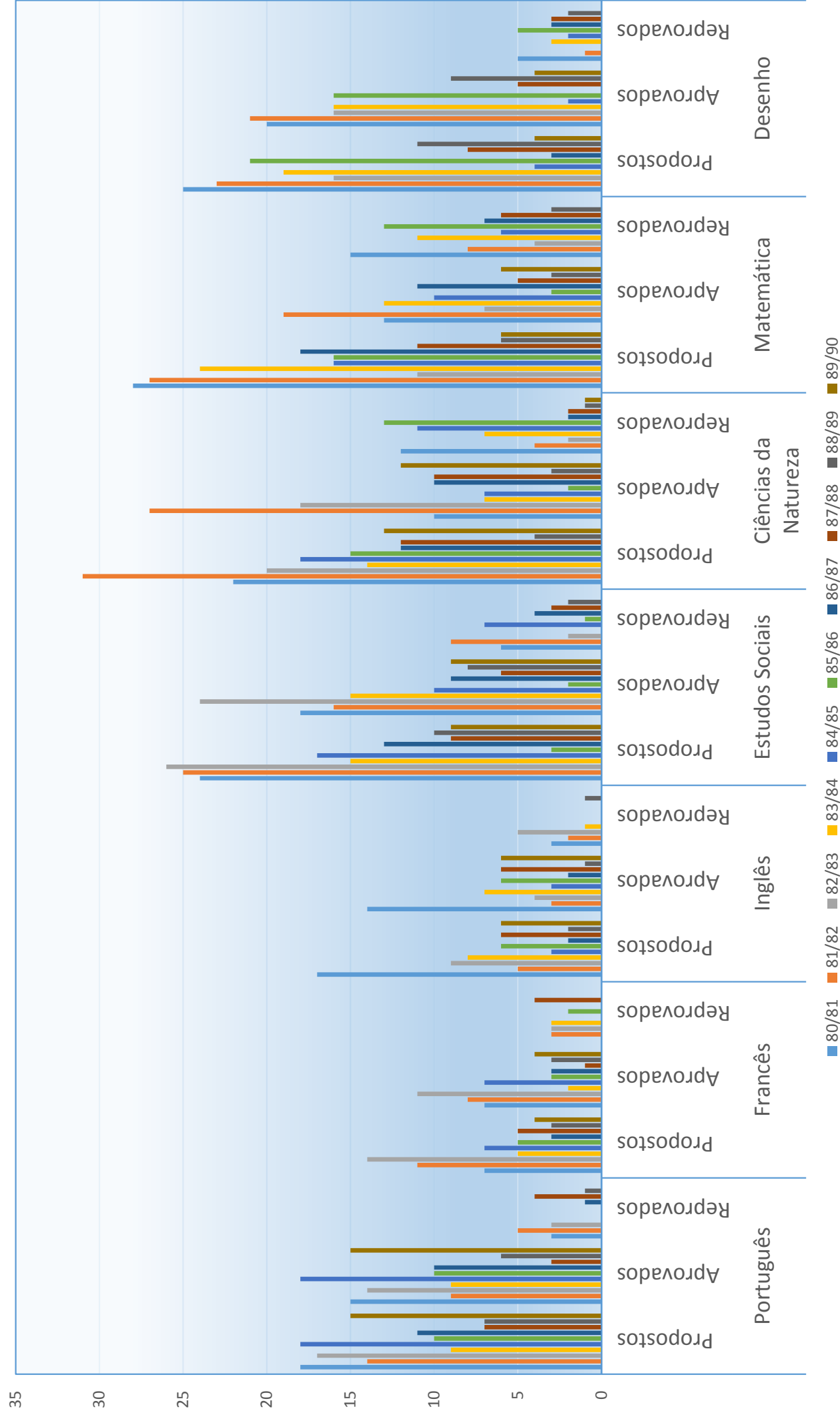
-que o número de alunos dos cursos geral, complementar, e 12º ano tende a aumentar enquanto que o número de alunos dos cursos de alfabetização e 2º ciclo (antigo ciclo preparatório) tende a diminuir.

Observando e conhecendo a Escola do seu interior é fácil observar que os dados apresentados nesta última parte: "A Escola em números" não representam os dados totais que dos "20 anos de dedicação" se poderiam tirar.

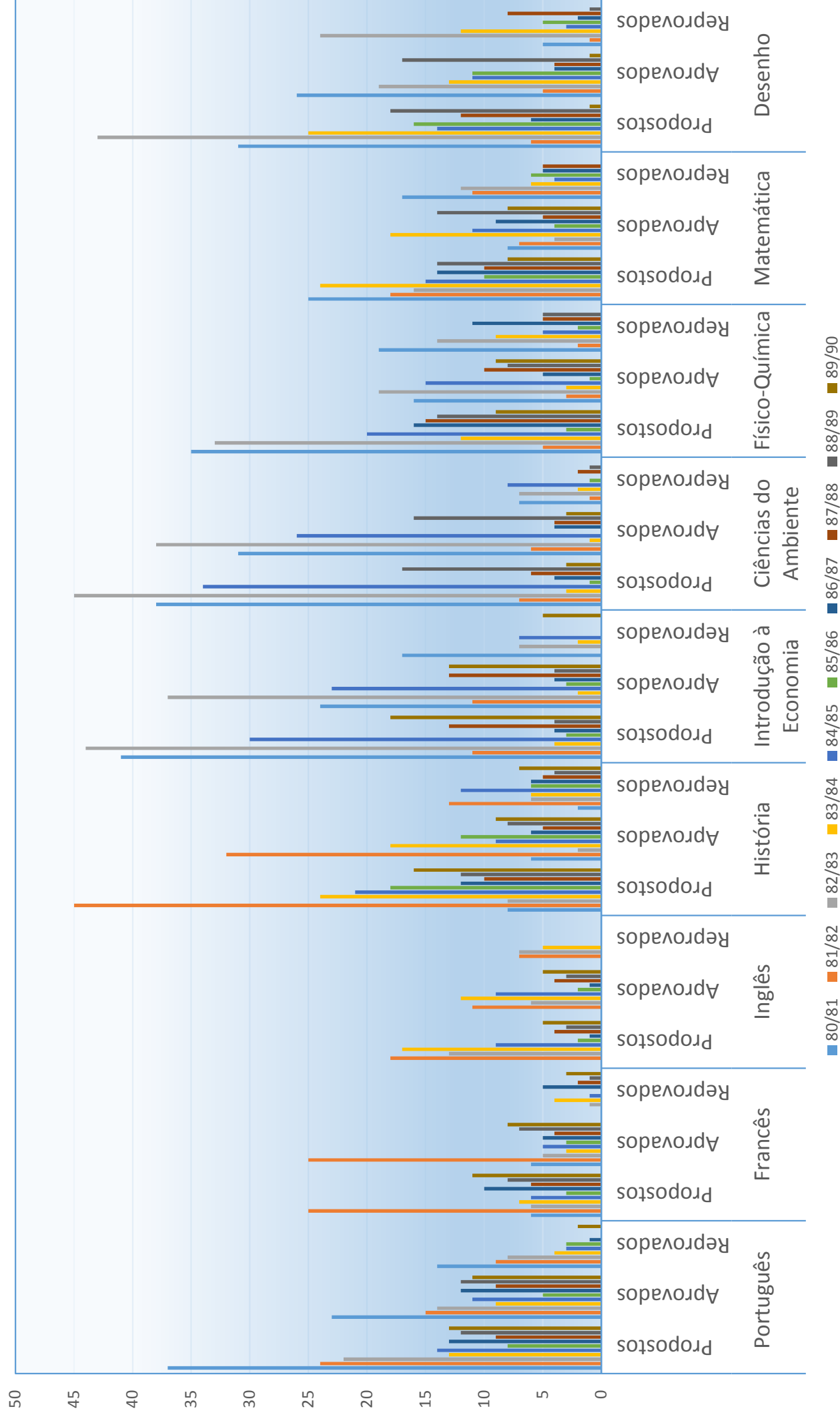
Conforme se refere na apresentação deste boletim, o ideal de publicar um Livro Comemorativo do XX Aniversário da EPER, que bem seria justificado, não foi possível.

No entanto no caminho para as suas "Bodas de Prata", e pelo crescente empenho por parte dos alunos, professores e colaboradores se espera realizar tal "compromisso" em homenagem não só a quantos directa ou indirectamente têm contribuído para a edificação da Escola Portuguesa em Roma, mas sobretudo porque faz parte da grande e universal tarefa humana da educação e do bem comum.

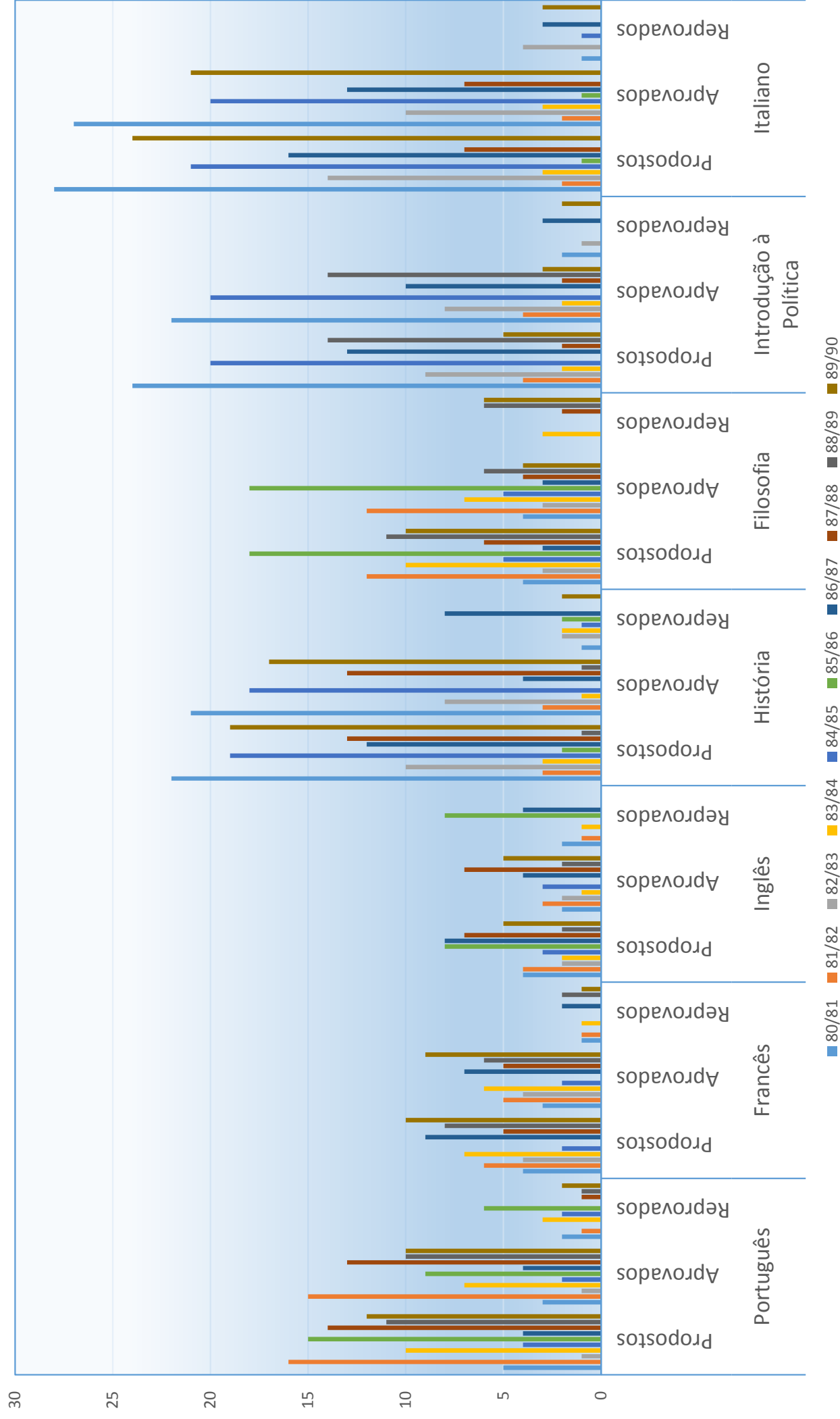
Todos os dados - Ciclo Preparatório



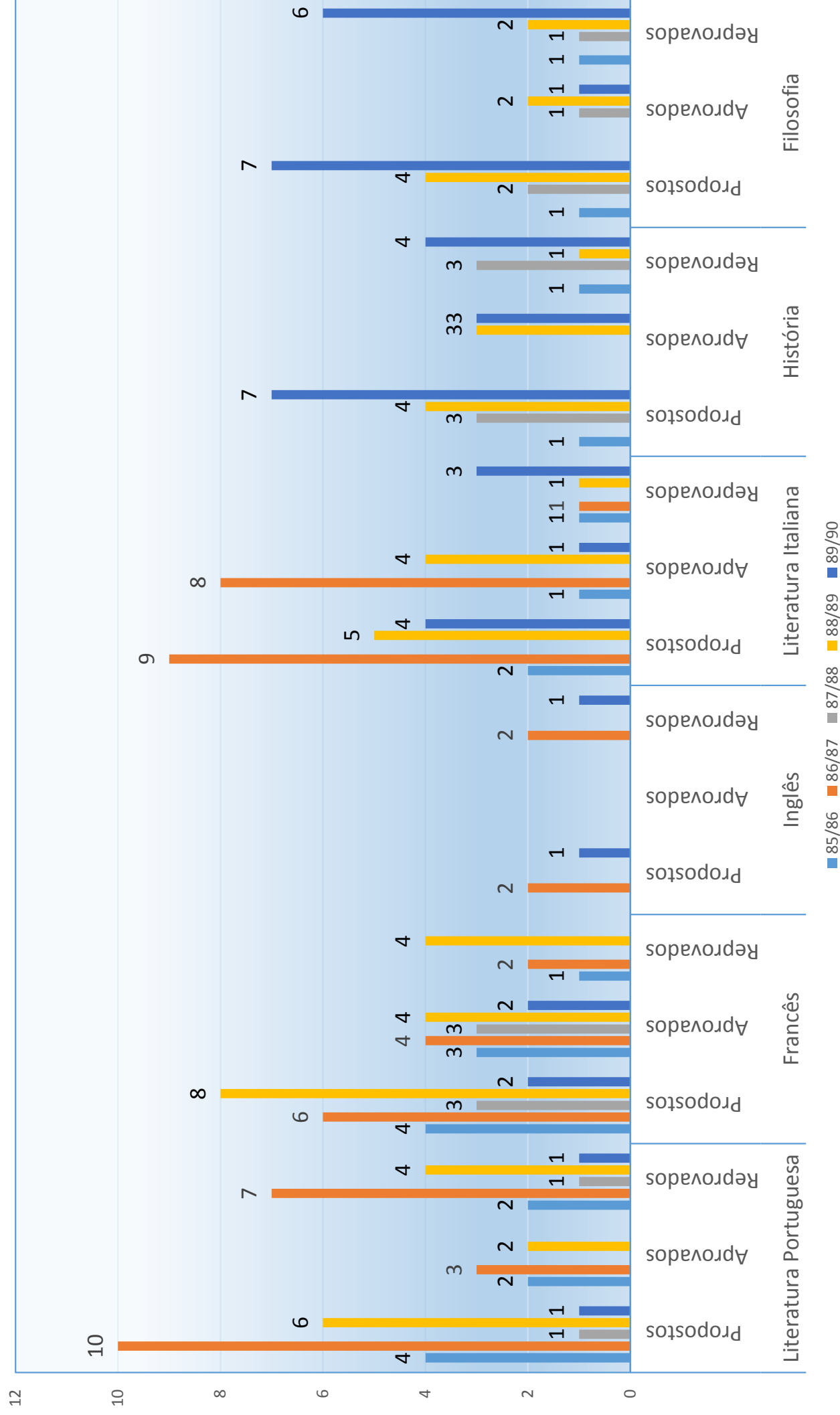
Todos os dados - Curso Geral



Todos os dados - Curso Complementar



Todos os dados - 12.º Ano Escolaridade



1989/90
Classificação dos
EXAMES DO CURSO PREPARATÓRIO NORMAL

